



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA,
DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

LINHA DE PESQUISA: CONFLITOS, CRIME, VIOLÊNCIA E
DIREITOS HUMANOS

A ESCOLA DE CHICAGO E A VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE
BOA VISTA – RORAIMA (RR), NO PERÍODO DE 2015-2018: OS
CASOS DE HOMICÍDIOS ENVOLVENDO VÍTIMAS JOVENS DE
15 A 24 ANOS

KIMBERLY HARDY REINERT

Dissertação/Produto Final

BOA VISTA/RR
2023

KIMBERLY HARDY REINERT

A ESCOLA DE CHICAGO E A VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA – RORAIMA (RR), NO PERÍODO DE 2015-2018: OS CASOS DE HOMICÍDIOS ENVOLVENDO VÍTIMAS JOVENS DE 15 A 24 ANOS

BOA VISTA/RR
2023

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TCC, TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NO SITE DA UERR

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Roraima – UERR a disponibilizar gratuitamente através do site institucional <https://www.uerr.edu.br/multiteca/>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:

() Trabalho de Conclusão de Curso (X) Dissertação () Tese

2. Identificação do TCC, Dissertação ou Tese

Autor: Kimberly Hardy Reinert **E-mail:** kimberly.reinert@hotmail.com

Agência de Fomento: --

Título: A Escola de Chicago e a violência no município de Boa Vista – Roraima (RR), no período de 2015- 2018, os casos de homicídios envolvendo vítimas jovens de 15 a 24 anos.

Palavras-Chave: Escola de Chicago, homicídios dolosos, jovens, Boa Vista – Roraima.

Palavras-Chave em outra língua: Chicago School, intentional homicides, young people, Boa Vista – Roraima.

Área de Concentração: Boa Vista - Roraima

Grau: Mestrado **Curso de Graduação:**

Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania - MPSPDHC

Orientador(a): Fernando César Costa Xavier

E-mail: fxavier010@hotmail.com

Co-orientador(a):

E-mail:

Membro da Banca: Prof. Dr. Serguei Aily Franco de Camargo

Membro da Banca: Prof. Dr. Eduardo Daniel Lazarte Morón

Membro da Banca: Prof. Dra. Priscila Elise Alvas Vasconcelos

Data de Defesa: 18/05/2023 **Instituição de Defesa:** Universidade Estadual de Roraima

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor: 1. Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade; 2. Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Estadual de Roraima os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização: (X) Total () Parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões: () Capítulos. Especifique. ()

Outras restrições. Especifique. _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF e DOC ou DOCX da dissertação, TCC ou tese.

Assinatura do(a) autor(a): _____ Data: 16/06/2023.



Documento assinado digitalmente

KIMBERLY HARDY REINERT

Data: 29/06/2023 09:03:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

KIMBERLY HARDY REINERT

A ESCOLA DE CHICAGO E A VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA – RORAIMA (RR), NO PERÍODO DE 2015-2018: OS CASOS DE HOMICÍDIOS ENVOLVENDO VÍTIMAS JOVENS DE 15 A 24 ANOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade Estadual de Roraima.

**BOA VISTA/RR
2023**

Copyright © 2023 by Kimberly Hardy Reinert

Todos os direitos reservados. Está autorizada a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que seja informada a **fonte**.

Universidade Estadual de Roraima – UERR
Coordenação do Sistema de Bibliotecas
Multiteca Central
Rua Sete de Setembro, 231 Bloco – F Bairro Canarinho
CEP: 69.306-530 Boa Vista - RR
Telefone: (95) 2121.0946
E-mail: biblioteca@uerr.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R367e Reinert, Kimberly Hardy.
A escola de Chicago e a violência no município de Boa Vista – Roraima (RR), no período de 2015-2018: os casos de homicídios envolvendo vítimas jovens de 15 a 24 anos / Kimberly Hardy Reinert. – Boa Vista (RR) : UERR, 2023.
75 f. : il. Color ; PDF

Orientador: Prof. Dr. Fernando César Costa Xavier.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Roraima (UERR), Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania (MPSP).

1. Escola de Chicago. 2. Homicídios Dolosos. 3. Jovens. 4. Roraima. I. Xavier, Fernando César Costa (orient.) II. Universidade Estadual de Roraima – UERR. III. Título.

UERR.Dis.Mes.Seg.Pub.2023

CDD – 303.62


Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Letícia Pacheco Silva – CRB 11/1135

KIMBERLY HARDY REINERT

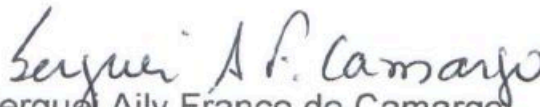
**A ESCOLA DE CHICAGO E A VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA –
RORAIMA (RR), NO PERÍODO DE 2015-2018: OS CASOS DE HOMICÍDIOS
ENVOLVENDO VÍTIMAS JOVENS DE 15 A 24 ANOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Segurança Pública Direitos Humanos e Cidadania a Universidade Estadual de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Segurança Pública Direitos Humanos e Cidadania.

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada em 18/05/2023, perante a Banca Examinadora, constituída pelos seguintes membros:


Documento assinado digitalmente
 FERNANDO CESAR COSTA XAVIER
Data: 16/06/2023 17:03:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Pro ávier
(Presidente da Banca)
Universidade Estadual de Roraima – UERR


Prof. Dr. Sergio Aily Franco de Camargo
(Membro Titular)
Universidade Estadual de Roraima

EDUARDO DANIEL Assinado de forma digital por
EDUARDO DANIEL LAZARTE
MORON
LAZARTE MORON Dados: 2023.06.19 11:48:57 -04'00'

Prof. Dr. Eduardo Daniel Lazarte Morón
(Membro Titular)
Universidade Federal de Roraima

 Documento assinado digitalmente
PRISCILA ELISE ALVES VASCONCELOS
Data: 18/06/2023 08:47:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Priscila Elise Alves Vasconcelos
(Membro Titular)
Universidade Federal de Roraima

**BOA VISTA/RR
2023**

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Gustavo Reinert Soares.

Filho, você nasceu e eu renasci.

Você me fez conhecer um amor impossível de mensurar em palavras e que se multiplica a cada dia.

Você me deu um dos títulos que mais tenho orgulho: "mamãe" e junto me deu propósitos, propósito de não desistir dos meus sonhos e buscar a todo momento evoluir e melhorar, não apenas por mim, mas por nós.

Essa vitória é nossa e eu dedico ela inteiramente ao amor da minha vida, hoje tão pequeno, mas já me ensinou grandes lições.

Com amor, mamãe do Gustavo, eu te amo tanto.

AGRADECIMENTO

Agradecer, primeiramente, a Deus por todas as graças a mim derramadas, por não, apenas, ter colocado esse sonho em meu coração, mas, também, por colocar pessoas maravilhosas, instrumentos de Deus, em meu caminho, para me ajudarem nessa árdua caminhada e nunca desistir.

Ao meu esposo, Thiago Soares Teixeira, que nunca mediu esforços, mesmo, muitas vezes, sem tempo e o cansaço do dia a dia, ainda encontrava forças para me ajudar, dentro da sua possibilidade para a concretização desse sonho. Muitas vezes, duvidei e questionei, já quis jogar tudo para o alto, mas obrigada por nunca ter deixado. Você e o Gustavo são tudo pra mim e agradeço a Deus todos os dias por ter vocês em minha vida e dividir com vocês nossa nova conquista.

Aos meus pais e irmãs, vocês foram e, ainda são, a minha base. Meus torcedores e incentivadores, não tenho dúvidas que o que estou conquistando agora, vocês têm grande participação em tudo, obrigada pai e mãe por terem sempre acreditado em mim, até naqueles momentos em que duvidei, eu amo vocês

Deus, também, colocou pessoas incríveis na minha vida que sem elas nada disso seria possível. Primeiramente, estendo meus agradecimentos à todos da Delegacia Geral de Homicídios em nome do escrivão Marcelo e da Delegada Miriam Di Manso, Ao Núcleo de Estatística e Análise Criminal (NEAC) em nome do Agente Marcelo, Aos Distritos Policiais e Central de Flagrante em nome do Delegado Fernando Olegario, Ao Instituto de Criminalística em nome do diretor Sttefani Pinheiro Ribeiro e Ao Departamento de Planejamento Operacional em nome do Tenente Coronel Bruno Almeida Nascimento e Sargento Teles, minha gratidão a todos.

EPÍGRAFE

“O novo cidadão, migrante ou imigrante, personagem pária de uma sociedade que o rejeita e ao mesmo tempo dele necessita. Sua estratégia de sobrevivência tem nome: gueto”.

(Wagner Cinelli de Paula Freitas)

RESUMO

Ao final do século XIX, os Estados Unidos sofreu um crescimento populacional desenfreado influenciado pelos movimentos migratórios e pelo Êxodo Rural, os quais somados contribuíram, sobremaneira, para o agravamento das problemáticas sociais, dentre elas, a criminalidade. Nesta senda, este crescimento populacional nas zonas urbanas serviu como laboratório de pesquisas por estudiosos da Universidade de Chicago, cujas análises obtidas serviram para traçar as linhas básicas referente ao espaço urbano, culminando com o surgimento da denominada Escola de Chicago ou Ecologia Humana, a qual, em outras linhas, assevera que há íntima relação entre as condutas criminais com os fatores físicos e sociais onde são praticados. Assim, a presente pesquisa pautando-se nas contribuições da Escola de Chicago, dentre elas sua metodologia, mapeará as zonas criminógenas com altos índices de homicídios de jovens, entre 15 a 24 anos, no município de Boa Vista – Roraima, no período de 2015 a 2018, através da divisão por bairros levando em conta os critérios socioeconômicos. A construção do mapa da violência do município de Boa Vista ocorrerá após a colheita de dados em boletins de ocorrência e/ou inquérito policial, junto a Delegacia especializada, Distritos Policiais e Central de Flagrante, bem como em pesquisas bibliográficas realizadas junto a artigos, revistas e livros. Portanto, apesar de o fenômeno da violência ser multifatorial e não se distribuir de forma uniforme no meio social, é possível, com base nas condições socioeconômicas, construir mapas da violência, identificando os locais com altos índices de homicídios de jovens, com vistas a compor um retrato da violência.

Palavras-Chaves: Escola de Chicago, homicídios dolosos, jovens, Boa Vista – Roraima.

ABSTRACT

At the end of the 19th century, the United States experienced unbridled population growth influenced by immigration movements and the rural exodus, which together contributed greatly to the worsening of social problems, including crime. In this way, this population growth in urban areas served as a research laboratory for scholars from the University of Chicago, whose analyzes obtained served to draw the basic lines regarding urban space, culminating in the emergence of the so-called Chicago School or Human Ecology, which, in other words, asserts that there is a close relationship between criminal conduct and the physical and social factors in which it is practiced. Thus, the present research, based on the contributions of the Chicago School, including its methodology, will map the criminogenic zones with high homicide rates among young people, between 15 and 24 years old, in the municipality of Boa Vista - Roraima, through the division by neighborhoods taking into account socioeconomic criteria. The construction of the map of violence in the municipality of Boa Vista will occur after collecting data from police reports and/or investigations, together with the specialized Police Station, Police Districts and Flagrante Central, as well as through bibliographic research carried out with articles, magazines and books. Therefore, despite the phenomenon of violence being multifactorial and not evenly distributed in the social environment, it is possible, based on socioeconomic conditions, to construct maps of violence, identifying places with high homicide rates among young people, with a view to composing a portrait of violence

Keywords: Chicago School, intentional homicides, young people, Boa Vista – Roraima.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Pontos | Boa Vista | Ocorrências de homicídios dolosos | 2015 a 2018 | Faixa etária de 15 a 24 anos | acumulado44

Figura 2 – Mapa de Calor | Boa Vista | Homicídios dolosos | 2015 a 2018 | Faixa etária de 15 a 24 anos | acumulado45

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nacionalidade – vítimas – 2015 a 201838

Gráfico 2 – Aumento no índice de jovens (entre 15 a 24 anos) vitimizados (de 2015 a 2018)41

Gráfico 3 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências47

Gráfico 4 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências47

Gráfico 5 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências48

Gráfico 6 - Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências48

Gráfico 7 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências48

Gráfico 8 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências49

Gráfico 9 – Faixa etária – vítimas – 2015 a 201864

Gráfico 10 – Identidade de Gênero – vítimas – 2015 a 2018	64
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 AS CIDADES COMO UM PRODUTO DO MOMENTO HISTÓRICO	19
2.2 A RELAÇÃO ENTRE A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA NA CIDADE DE CHICAGO E O SURGIMENTO DA ESCOLA DE CHICAGO	23
2.3 A ESCOLA DE CHICAGO E A RELAÇÃO ENTRE A CRIMINALIDADE E AS ZONAS “GUETIZADAS”	28
2.4 A VIOLÊNCIA COMO UMA PROBLEMÁTICA SOCIAL INERENTE A QUALQUER TIPO DE SOCIEDADE	33
2.5 A INFLUÊNCIA DA ESCOLA DE CHICAGO PARA O MAPEAMENTO DAS ZONAS CRIMINÓGENAS COM ALTOS ÍNDICES DE HOMICÍDIOS VIOLENTOS DE JOVENS, DE 15 A 24 ANOS, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA – RORAIMA, SOB A ÓTICA DA ESCOLA DE CHICAGO	35
2.6 O AUMENTO DA CRIMINALIDADE E SUA RELAÇÃO COM A FRAGILIDADE DOS CONTROLES SOCIAIS	50
2.7 A FORMAÇÃO DAS GANGUES COMO UMA RESPOSTA A SOCIEDADE QUE OS EXCLUEM, MAS GRUPOS QUE, NÃO APENAS, OS ACOLHEM, MAS COLABORAM PARA A FORMAÇÃO DA SUA IDENTIDADE	55

3	
CONCLUSÃO	68
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1 INTRODUÇÃO

Nascida no início do século XX, a Escola de Chicago marca o nascimento da sociologia americana e Ecologia Criminal, cuja finalidade era relacionar o ambiente proporcionado pelo desenfreado crescimento populacional da cidade americana com o aumento de sua criminalidade. Ao contrário do Positivismo Criminológico de Lombroso, focado nos aspectos biológicos do criminoso, a Escola de Chicago tem por objeto de estudo o crescimento urbano das grandes cidades e todos os tópicos que envolvem esse fenômeno, como, por exemplo, a mudança dos costumes e valores, os quais são distintos das zonas rurais ou de seus países de origem, assim como as práticas delituosas, que necessitarão de meios de prevenção que se adequem a essa realidade. Nessa conjuntura, indaga-se se a Escola de Chicago justifica o mapeamento das zonas criminógenas de alto índice de homicídio de jovens, a ponto de ser possível a criação de políticas públicas eficientes para dirimir esses índices (FREITAS, 2002).

Os estudos que serão apresentados partem da gênese da Ecologia Criminal, que diferenciava, entre outros aspectos, as formas de vida das populações no contexto de zona rural e, após a sua chegada no ambiente urbano que formavam aglomerados humanos. Nas zonas rurais, os laços tendem a ser mais fortes, considerando que as pessoas são mais próximas umas das outras, além de possuírem limitadas perspectivas de vida, pois normalmente seguem, em sua maioria, a mesma profissão de seus familiares. Esta realidade muda quando comparada a realidade das grandes cidades, onde há um dinamismo constante e não há a construção de vínculos fortes com a vizinhança, e, conseqüentemente, não se criam fortes laços sociais, noutras palavras o fato de o delinquente não possuir qualquer vínculo com a sua vítima não haverá freio inibitório para a prática de violência.

As zonas de delinquência estudadas das cidades concentram-se nos guetos e bairros mais pobres, onde se observa a maior degeneração física e moral das pessoas, os quais são esquecidos pelo Estado nas questões de políticas públicas voltadas para uma inserção social efetiva. As zonas urbanas carregam em sua essência exclusão, desigualdades e injustiças e, apesar de os homicídios não estarem restritos a um grupo social ou porção territorial específica, é possível vislumbrarmos que há íntima relação entre a organização do espaço e a criminalidade, ou seja, o crime é um produto social inerente a vida em sociedade. Assim sendo, é possível explicar a prevalência de altas taxas de crimes de homicídios em determinada porção territorial, por intermédio da Teoria Ecológica Criminal, advinda da Escola de Chicago, a qual assevera que o crime não depende apenas do indivíduo, mas o meio a qual pertencem serão preponderantes.

Acerca do tema da violência urbana, resta imperioso ressaltar que a sociedade brasileira foi gerada em meio a desigualdades raciais e econômicas, frutos de heranças do modelo escravista e autoritário que se fez presente na história brasileira, culminando com a segregação entre classes e raças. Não bastasse a segregação social e racial, o Brasil foi marcado por inúmeras crises econômicas, a qual somadas a outros fatores acentuaram tais segregações, contribuindo para o aumento no índice de violência urbana. Vislumbra-se que violência urbana é uma temática com raízes profundas na história da humanidade, porém desde os anos 80, momento em que houve um crescimento desordenados dos centros urbanos,

passou a ocupar o palco de grandes discussões, não apenas por estudiosos, mas pela própria sociedade, por ser vista como uma problemática social.

Como já ressaltado, a violência é um aspecto inerente a qualquer tipo de sociedade e em razão de ser dotada de extrema multiplicidade, no sentido de ser um componente difuso que penetra o tecido social, seu estudo se torna complexo, ante ao fato de não se ramificar de forma uniforme pelo conjunto social e não está restrita a um espaço territorial específico, embora seja mais frequente no âmbito urbano. Quando falarmos acerca deste fenômeno, é comum vincularmos sua ocorrência a pobreza, porém este fator é apenas um dos vários fatores criminógenos existentes, em outras palavras, a pobreza é apenas a ponta de iceberg de um problema muito maior advindo, precipuamente, da má distribuição de riquezas e desigualdades ou segregações sociais e espaciais.

Neste interim, embora a violência não esteja entrelaçada a um classe, grupo social ou condicionante territorial, de forma específica, não impede que seja construído mapas da violência, com vistas a identificar as manifestações de violência dentro de uma área urbana e, concomitantemente, os espaços urbanos que concentram as maiores taxas de determinado crime, como por exemplo, o crime de homicídio. Desta feita, as variadas formas de violência não ocorrerão de forma uniforme dentro deste mesmo espaço, assim, ao tratarmos acerca deste fenômeno nos espaços urbanos, especificamente, na cidade de Boa Vista – Roraima, será imprescindível analisar a forma como ocorreu o processo de crescimento das cidades e como foram distribuídas as riquezas, já que tais fatores influenciam sobremaneira nas concentrações de determinados crimes em um espaço específico.

Assim sendo, a pesquisa em comento, visará a elaboração de um mapa da violência do município de Boa Vista – Roraima, respectivamente, aos crimes de homicídios, entre os anos de 2015 a 2018, que acometem os jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, com o fim, não apenas, de delimitar em quais porções territoriais há maior prevalência deste delito, mas, também, identificar suas causas e consequências. Como mencionado alhures, a violência sempre existiu, mas, apenas hodiernamente vem sendo vista como uma problemática social e um fator preponderante para tal desiderato foi o fato de sermos uma sociedade midiática. A mídia encontrou na descrença na justiça um solo fértil para seu apogeu por intermédio da disseminação da cultura do medo e da insegurança e de forma

concomitante a rotinização da violência, podemos vislumbrar que esta vem sendo banalizada.

Para a construção do mapa da violência em questão, será realizado pesquisas junto ao Núcleo de Estatística e Análise Criminal (NEAC), subordinado ao Departamento de Narcóticos – DENARC, o qual possui os dados estatísticos, na Delegacia Geral de Homicídios e no Departamento de Homicídios e Proteção a Pessoa, Distritos Policiais e Central de Flagrante com vistas a colher dados mais precisos acerca das vítimas e o agente malfeitor, isto é, através da análise em boletim de ocorrência e documentos presentes nesses órgãos será possível colher dados mais precisos quanto a população a ser estudada e, também, no Instituto de Criminalística de Roraima, com o intuito de subsidiar eventuais dados que não possam ser obtidos junto a delegacia especializada de Homicídios, Distritos Policiais e Central de Flagrante.

Para tanto, por intermédio da pesquisa qualiquantitativa, a elaboração do mapa da violência sobre homicídios entre jovens, que será dividido nas seguintes etapas:

1º Etapa – Análise da literatura focando, precipuamente, na área das ciências sociais visando identificar como o meio influencia na manifestação de crimes, dentre eles, o crime de homicídio, pautado no estudo na Escola de Chicago.

2º Etapa – ESTUDO COM DADOS SECUNDÁRIOS. Colheita de dados e análise dos Boletins de Ocorrência, com vistas a verificar se houve o crescimento dos crimes de homicídios de jovens, de 15 a 24 anos e identificar os locais em que o crime ocorreu para, desta forma, verificar como o meio poderá influenciar na manifestação de determinado crime, como o homicídio doloso;

4ª Etapa – Colheita de dados acerca das vítimas e dados específicos dos infratores para dividir a população a ser estudada de acordo com a faixa etária da vítima, sexo, raça/cor, escolaridade, endereço completo: local de residência do criminoso e local do crime, data exata do crime ou ante a sua impossibilidade data da localização do cadáver, latitude e longitude, hora exata/aproximada do óbito, nacionalidade (vítima/infrator), enquadramento jurídico – homicídio simples/homicídio qualificado, Unidade Policial em que foi realizada a pesquisa, nº do Procedimento (IP, BO, outro), crime relacionado a facção (sim/não).

É possível percebermos, após a colheita destes dados, que os meios sociais, não apenas, bombardeiam-nos com notícias de crimes bárbaros, mas os

dramatizam, deixando de ser tratados como um problema, mas como um mero espetáculo, culminando com um maior distanciamento entre as pessoas a ponto de nem mesmo diante de crimes bárbaros nos sensibilizarmos. A falta de empatia nos tornou espectadores de um crescimento colossal da marginalização, que não atinge pessoas determinadas, mas toda a sociedade, principalmente, quando há um aumento avassalador na vitimização letal de jovens, com idade entre 15 a 24 anos, objeto deste estudo. A juventude perdida, como bem chamada, não se baseia apenas em um critério quantitativo de vidas perdidas, mas escancara um problema social, no qual jovens encontram nas atividades praticadas às sombras da legalidade um meio para fugir de uma vida baseada em restrições materiais e de anomia social.

Assim sendo, sob a ótica da Escola de Chicago, será possível identificar e mapear as zonas criminógenas, como as de bairros marginalizados de Boa Vista – Roraima, com altos índices de homicídios, que vitimizam em sua maioria, jovens na faixa etária de 15 a 24 anos de idade e, desta forma, identificar os fatores que contribuem para o aumento destas taxas tão alarmante, propiciando meios aptos a reverter esta problemática e como um crescimento urbano desenfreado poderá influenciar no aumento da criminalidade e taxas de homicídios na cidade de Boa Vista. Dito isto, sob a ótica da Escola de Chicago, correlacionar as zonas criminógenas, como as de bairros marginalizados de Boa Vista – Roraima, com seus altos índices de homicídios, que vitimizam em sua maioria, jovens.

Não obstante, é imperioso salutar a falta de um Estado Democrático de Direito que não exerça seu papel garantidor da proteção de direitos fundamentais, como o da dignidade da pessoa humana, contribui para a manutenção da concentração desses crimes nessas áreas vulneráveis. Ademais, é primordial a compreensão de que a pobreza presente nessas regiões é apenas um dos fatores, dentro de um complexo de aspectos como a má distribuição de riquezas e segregações sociais e espaciais. O método de abordagem é sociológico, analítico e jurídico, que resulta na pesquisa bibliográfica e documental apresentada.

Compreender a dinâmica dos crimes e os fatores que ocasionam o aumento na taxa de crimes de homicídios dolosos nestas regiões, cujos fatores estão, em grande parte, relacionados a disputas de facções criminosas, permitirá aos governantes desenvolverem estratégias sólidas e sustentáveis contra a violência, principalmente, em relação aos jovens. Considerando que o aumento na vitimização

dos jovens ocasionará fortes implicações no âmbito socioeconômico, afinal estamos inseridos em uma transição demográfica, na qual a maior parte da população está caminhando rumo ao envelhecimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS CIDADES COMO UM PRODUTO DO MOMENTO HISTÓRICO

Sucessoras das aldeias, as cidades já existem há longos anos, porém merece ser ressaltado que com o passar do tempo as cidades foram modificadas substancialmente por inúmeros fatores, como por exemplo, a Revolução Industrial. De forma mais recente, cita-se a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, marcada pela mecanização das indústrias, bem como pela consagração do capitalismo na Europa Ocidental. Dentre as mudanças substanciais, enfatiza-se o processo de industrialização que favoreceu a concentração da população nas cidades e, em razão disso, os muros físicos que separavam o meio urbano do rural, ou até mesmo uma parte da cidade da outra passassem a não mais existir.

As mudanças advindas com a Revolução industrial não se restringiram a ordem econômica, demográfica e espacial, mas foi além, posto que modificou os costumes, as interações sociais e as formas de controle social, fazendo com que relações fraternas fossem substituídas por relações marcadas pela impessoalidade, terreno fértil e propício para a ocorrência de condutas criminosas. Assim, denota-se que as cidades possuem enorme fascínio pelos estudiosos, pois estes acreditam que a cidade exerce uma força significativa sob os indivíduos, em razão desta submetê-los a constantes estímulos físicos e sociais e, conseqüentemente, conduzindo-os a formar laços impessoais, mas por outro lado, também propicia a liberdade e oportunidade (FREITAS, 2002).

A palavra cidade possui inúmeros significados, porém apesar de sua definição consistir em algo desafiador, é possível dizer que a cidade, consoante a Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI) “significa um espaço geográfico caracterizado por uma concentração populacional que se dedica a atividades econômicas (comércio, indústria, mercado financeiro, atividades culturais, etc) não rurais (agricultura, pecuária, etc)”.

Quanto a temática das cidades, estas sempre gozaram de grande relevância na história da humanidade, sua origem possui raízes remotas, sendo possível encontrar seus resquícios desde a Idade Média, vejamos:

Se é de fato que as cidades crescem em regiões onde o comércio tem uma expansão rápida, na Idade Média temos de procurar cidades em crescimento na Itália e Holanda. E é exatamente onde elas surgiram primeiro. À medida que o comércio continuava a se expandir, surgiam cidades nos locais em que duas estradas se encontravam, ou na embocadura de um rio, ou ainda onde a terra apresentava um declive adequado. Tais eram os lugares que os mercadores procuravam. Neles, além disso, havia geralmente uma igreja, ou uma zona fortificada chamada "burgo" que assegurava proteção em caso de ataque. Mercadores errantes descansando nos intervalos de suas longas viagens, esperando o degelo de um rio congelado, ou que uma estrada lamacenta se tornasse transitável outra vez, naturalmente se deteriam próximo aos muros de uma fortaleza, ou à sombra da catedral. E como um número cada vez maior de mercadores se reunia nesses locais, criou-se um "fauburg" ou "burgo extramural". E não demorou muito para que o arrabalde se tornasse mais importante do que o próprio burgo antigo. Logo, os mercadores dessa povoação, em seu desejo de proteção construíram à volta de sua cidade

muros protetores que provavelmente se assemelhavam às paliçadas dos colonos americanos. O burgo mais antigo não se expandiu exteriormente, mas se viu absorvido pela povoação mais nova, onde os fatos se sucediam. O povo começou a deixar suas velhas cidades feudais para iniciar vida nova nessas ativas cidades em progresso. A expansão do comércio significava trabalho para maior número de pessoas e estas afluíam à cidade, a fim de obtê-lo (HUBERMAN, 1986).

A história nos mostra que o surgimento das cidades ocorrerá de forma distinta, posto que se modificará não apenas com a época, mas com base na realidade, costumes e valores dos seus habitantes, para se ter uma ideia, o surgimento das cidades europeias está intimamente relacionado com a importância do crescimento do comércio, bem como no processo de decadência da cidade feudal. A cidade feudal europeia foi marcada pela adoção de um estilo de vida rural, baseada na economia de subsistência, a qual com o passar dos anos, foi se tornando urbanizada, em razão da produção em massa e excedente visando atender a grande demanda propiciada pelo comércio urbano, intensificando-se de forma proporcional ao surgimento das cidades (CASTRO, 2018).

Neste diapasão, ao final do século XIX, os Estados Unidos sofreu com uma explosão próspera nos setores econômicos, financeiros e industriais, em virtude da expansão das indústrias petrolíferas e metalúrgicas, por exemplo, movidas pelo modelo econômico liberalista, propiciando a criação de modelos de produção em massa, bem como revolucionando, não apenas os modelos de trabalho, mas a sociedade em si, tendo em vista que culminou com transformações tão significativas que, no século seguinte, os Estados Unidos já havia se tornando uma grande potência industrial (FURQUIM, 2018).

Este processo de industrialização, no século XX, contribuiu, sobremaneira, para esse crescimento populacional a ponto de transformar a cidade cosmopolita de Chicago em um aglomerado de diversas etnias, culturas e religiões que foram aglomeradas forçadamente nas regiões do *gueto*, as quais são fortemente marcadas pela desordem e conflito. E se não bastasse a desordem ocasionada pelos processos imigratórios, houve influência, também, do processo de êxodo rural, ocasionado pelo abandono das áreas rurais para os grandes centros industriais (VIANA, 2015).

Por outro lado, na América latina, incluindo o Brasil, o surgimento das cidades ocorreu de forma distinta, pois estas se originaram a partir da invasão dos europeus, em sua predominância pelos portugueses, no território brasileiro, em busca de riquezas. Diferentemente das cidades europeias, as cidades localizadas na América Latina não tiveram um surgimento natural, mas forçado. Os Europeus quando chegaram em território brasileiro se depararam com os povos nativos, com níveis de desenvolvimento desigual. Em um primeiro momento, os europeus tinham o intuito de retirar as riquezas e retornar ao seu país natal, porém em razão de nem todas as riquezas estarem em fácil alcance, estes precisaram criar substrato para que fosse possível produzi-las ou extraí-las, surgindo os primeiros modelos de ocupação que culminaram com a formação dos núcleos urbanos, que a princípio tinham o objetivo de defesa e ser um centro irradiador da cultura europeia, mas em outro momento as cidades passaram a surgir em razão da presença de ouro e exploração das minas, ou por ser área fértil a plantação de cana de açúcar e café, dentre outros fatores (CASTRO, 2018).

Apesar do surgimento das cidades europeias possuírem fatores distintos das cidades localizadas na América latina, dentre estas o Brasil, estas nada mais são do que um produto da realização humana através um processo histórico, que embora distintos, resultaram em assentamentos humanos com inúmeras características, formas e funções. Sendo assim a compreensão do que se traduz a essência da cidade não poderá ser vista como um processo estático, pronto e acabado, mas deverá ser considerado todos os fatores, haja vista que a cidade nada mais é do que uma realização humana através de um processo histórico que se modificará de acordo com a realidade (SANTOS, 2014).

Dito isto, dilucida Eufrásio (2013), que ao estudar a organização da cidade deverá ser levado em consideração a sua realidade, pois só assim será possível identificar as forças da dinâmica espacial, com o intuito de reformular o quadro espacial objeto de estudo, para, desta forma, proporcionar uma análise empírica destas áreas a fim de estabelecer explicações e/ou generalizações mais precisas. Ademais, na outra linha, faz-se imperioso destacar os aspectos da estrutura espacial das áreas distintas da cidade em um determinado momento, com vistas a identificar os fatores que os originaram. Tais considerações são orientações

difundidas por sociólogos de Chicago, os quais faziam referência as questões da organização espacial da cidade, objeto de estudo.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA NA CIDADE DE CHICAGO E O SURGIMENTO DA ESCOLA DE CHICAGO

A Revolução Industrial pode ser considerada um marco importante na história do homem, pois a mudança nos modelos de produção repercutiu a níveis globais. O processo de mecanização das indústrias produziu transformações intensas e significativas no processo de produção em massa, posto que substituiu a energia humana pela energia motriz não humana, as oficinas artesanais foram substituídas pela maquinofatura, além de ter culminado com o surgimento de duas

classes sociais, a burguesia e os proletariados, sem esquecer que este evento histórico foi o grande precursor do capitalismo (CAVALCANTI; SILVA, 2011)

Como todo processo histórico, há vantagens e desvantagens e a Revolução Industrial não foi diferente. Enquanto que para muitos significou melhoria na qualidade de vida e maior acesso as mercadorias, para outros foi sinônimo de escassez, afinal com a industrialização o trabalho passou a ser desenvolvido em grande parte por máquinas, o que significa diminuição na contratação da mão de obra humana, sendo assim essa população excedente precisou buscar em outras terras melhores condições de vida para fugir da fome e desemprego, logo iniciou um processo de migração intenso na Europa, e para grande maioria dos imigrantes, os Estados Unidos foi o destino escolhido, fazendo com que em um curto período a população dos Estados Unidos triplicasse (FREITAS, 2002).

No início do século XX, enquanto os Estados Unidos estava no seu apogeu, a Europa não era mais vista como uma terra de prosperidades, à vista disto, deram início a uma série de tensões relativas as questões territoriais e financeiras, as quais mais tarde acarretaram com a explosão da 1ª Guerra Mundial, além disso este cenário de declínio vivenciado pelos europeus corroborou para o aumento de imigrantes para a América, ante sua ascensão. Os pensamentos europeus positivistas voltaram-se ao movimento sociológico nascido em Chicago, durante o século XX, embasados na expansão das áreas urbanas, em virtude do êxodo rural, no qual as pessoas passaram a abandonar o campo em busca de empregos e oportunidades nas cidades e do aumento da classe trabalhadora. Todavia, este crescimento urbano desenfreado culminou com o agravamento do fenômeno da criminalidade (FURQUIM, 2018).

É nesta conjectura que marca a gênese da ideologia *mellting pot*, traduzindo-se para a língua portuguesa, significa caldeirão, caldeirão de etnias, culturas, costumes e religião culminando com uma explosão demográfica miscigenada e heterogenia. Razão, pela qual, a cidade ganha feição por parte dos estudiosos de Chicago, os quais concentraram seus estudos na distribuição das zonas residenciais, de labor e serviços, estruturas públicas e privadas, bem como nos locais, cuja desorganização social, tornando-se meio fértil a propagação de doenças e condutas criminosas.

O poderoso processo de industrialização do século XX promoveu o quadro de explosão demográfica retratado acima, transformando a cidade de Chicago, já naquela época, em uma cidade cosmopolita, um caldeirão de etnias, culturas e religiões aglomeradas em guetos, regiões, pois, marcadas pela desordem e conflito. Não bastasse a desordem típica desta nova grande cidade, também houve o êxodo rural, cidades com economias de estrutura agrícola perdiam população para os grandes centros industriais (Viana, 2015).

Na mesma, trilha, preleciona Freitas (2002);

“Chicago se apresenta como paradigma de cidade americana a combinar explosão demográfica e heterogeneidade. Chicago, cidade dos imigrantes, dos migrantes, da indústria, das oportunidades, da diversidade e do caos. Chicago da rebeldia, das gangues, do crime organizado, da Al Capone, dos movimentos sociais, das greves, do Primeiro de Março. Chicago, cidade da Atenas do meio-oeste: a Universidade de Chicago” (Freitas, 2002).

Como explanado, este crescimento vertiginoso e acelerado nas cidades americanas, foi influenciado, não apenas, pelo movimento do êxodo rural, mas, precipuamente, pelas correntes migratórias, movidos pela ânsia de melhores condições de vida. Para se ter uma ideia deste crescimento exponencial, a população urbana dos Estados Unidos em um curto espaço de tempo foi multiplicada por sete, já na cidade de Chicago, *hub comercial*, enquanto em 1840 tinha nada menos que 4 mil habitantes, em 1860, possuía 110 mil e em 1910 já contava com 2 milhões de habitantes, a ponto de em 1920, um terço de 2,7 milhões de habitantes, eram estrangeiros (FURQUIM, 2018).

Neste aspecto, Park, um dos principais teóricos desta Escola, observou após a coleta de dados, que a população de Chicago, entre 1860 a 1910, duplicava-se a cada dez anos, ante as ondas de imigração. Este salto demográfico, potencializado pela diversidade cultural, criou substrato para o início de uma série de problemas sociais, especificamente os problemas de índole criminal. De outro modo, esta realidade social multivariada que emergia nas cidades americanas, em especial a de Chicago, despertou o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago para iniciar as investigações sociológicas pertinentes (VIANA, 2015). Os resultados

obtidos destas pesquisas foram denominados de Ecologia Humana, que tinham como escopo explicar a realidade dos grandes centros urbanos americanos que apresentavam um crescimento exponencial, em virtude do aumento populacional propiciado pelo grande contingente imigratório. Insta ressaltar que as cidades serviram aos estudiosos como laboratórios para estudos dos ecólogos humanos, contando com o apoio da Ecologia Vegetal e animal, para o desenvolvimento das concepções teóricas que norteavam as investigações (MARAFON, 1996).

Ademais, dilucida Marafon (1996) que os estudos realizados, sobretudo pelos sociólogos, da Universidade de Chicago foram importantes para a construção de proposições e conceitos que pautaram a análise do espaço urbano por um longo período de tempo. Dentre os cientistas, devemos destacar as contribuições de R. Park E, Burgess e R. Mckenzie, haja vista que estes por terem traçados as linhas básicas referente a análise do urbano, são considerados os fundadores da denominada Escola de Chicago ou Ecologia Humana.

Em relação ao nome “**Escola de Chicago**”, forçoso ressaltar que está intimamente entrelaçado às pesquisas realizadas pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, criado junto à Universidade em 1890. Tal Universidade, de forma simplória, possui uma essência batista e fora erguida a partir das contribuições filantrópicas de John D. Rockefeller e graças ao aporte financeiro recebido obteve meios para conseguir atrair professores qualificados, bem como pode oferecer atrativos como, altos salários, afastamento remunerado e pagamento extras àqueles que se dedicassem a pesquisa (FURQUIM, 2018).

Neste ínterim, uma parte dos estudiosos consideram a Escola de Chicago um dos focos mais poderosos e influentes dentro da Sociologia Criminal. Consoante Viana (2015), o fato de ser chamada por Escola de Chicago e não por Ecologia Criminal diz respeito a dois fatores, primeiro por derivar de uma explosão vertiginosa das áreas urbanas na cidade de Chicago e segundo pela criação do primeiro Departamento de Sociologia do mundo presente na Universidade de Chicago.

Nessa mesmíssima alheta, dilucida Viana (2015), que;

Dentro da perspectiva da Escola de Chicago, a compreensão do crime sistematiza-se a partir da observação de que a gênese delitiva relacionava-se diretamente com o conglomerado urbano que, muitas vezes, estruturava-se de modo desordenado e radial, o que favorecia a decomposição da solidariedade das estruturas sociais. Não por outra razão, seus teóricos desenvolviam uma “sociologia da grande cidade”.

Do mesmo modo, preleciona Marafon (1996) que a nomenclatura de Ecologia Humana é decorrente da tentativa de veicular as formas de comunidade aos processos de organização social, bem como da transposição dos princípios da Ecologia para análise e estudo da sociedade, isto é, os estudiosos da Escola de Chicago assimilaram os conceitos da Ecologia e aplicaram-nos aos estudos da sociedade. A ecologia embasada no naturalismo, desenvolvido durante o século XIX, foi inspirada nos ideais evolucionistas de Charles Darwin, bem como na analogia biológica proveniente do positivismo. Esta ciência ecológica foi indispensável aos pesquisadores da Escola de Chicago, haja vista que os inspirou na elaboração das proposições e conceitos utilizados para o estudo das áreas urbanas. Assim sendo, a Escola de Chicago poderá ser caracterizada fundamentalmente por estudar, conforme ilações deste autor, abaixo transcrita;

“(...) as relações do homem com o meio, descrevendo os aspectos sociais de adaptação; e a forma e o desenvolvimento em comunidade da população humana, descrevendo o processo de organização das relações implicadas na adaptação ao meio”.

A teoria ecológica preleciona que a perspectiva de vida de um indivíduo é um produto de um processo adaptativo da tríade: meio, população e organização. Sendo assim, os sociólogos asseveram que para melhor compreensão da criminalidade faz-se de vital importância privilegiar os aspectos sociais que circundam o indivíduo, ao invés de centralizar os estudos apenas nos aspectos individuais, considerando que o comportamento humano é moldado sobremaneira pelos vetores socioambientais. Desta forma, a cidade era considerada para os sociólogos de Chicago como um laboratório, por meio da qual eles puderam colher dados estatísticos e qualitativos para comprovar que o crime nada mais é do que um produto social do urbanismo, rompendo, desta maneira, com teorias que visavam explicar a criminalidade por intermédio de enfoques pautados pelas diferenças individuais, biológicas e psicológicas. Inclusive, para um dos grandes sociólogos de Chicago, Ezra Park, a cidade era o melhor lugar para se estudar a vida social (FREITAS, 2002).

Neste diapasão, preleciona Park (1925) com tamanha maestria;

“Em tempos recentes a cidade tem sido estudada segundo o ponto de vista de sua geografia, e ainda mais recentemente segundo o ponto de vista da sua ecologia. Existem forças atuando dentro dos limites da comunidade urbana – na verdade, dentro dos limites de qualquer área de habitação humana – forças que tendem a ocasionar um agrupamento típico e ordenado de sua população e instituições. A ciência que procura isolar estes fatores, e descrever as constelações típicas de pessoas e instituições produzidas pela operação conjunta de tais forças, chamamos Ecologia Humana, que se distingue da Ecologia dos animais e plantas”.

Assim, é possível entendermos por Escola de Chicago um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados por professores e estudantes da Universidade de Chicago, entre 1925 e 1940, que foram imprescindíveis para estruturar um campo fértil e variados de pesquisas referentes aos fenômenos urbanos (TEODÓSIO, 2013). A analogia biológica se traduziu em uma maior aproximação entre as ciências sociais e naturais, enfatizando que esta aproximação ocorreu em momento histórico específico, em que ocorria uma expansão vertiginosa da sociedade industrial e a consolidação do colonialismo atrelado a ideias progressistas e do liberalismo econômico (MARAFFON, 1996).

2.3 A ESCOLA DE CHICAGO E A RELAÇÃO ENTRE A CRIMINALIDADE E A ZONAS “GUETIZADAS”

O interesse envolto dos processos socioespaciais vislumbrados nas cidades decorre da transição de uma sociedade industrial para uma urbana, tornando-a mais complexa. Além do mais, as cidades concentram uma parte significativa da população e à vista disto vem se tornando cada vez mais um centro de poder e fonte de benefícios. Ante a complexidade da realidade dos centros urbanos tem gerado

uma série de reflexões quanto aos seus paradigmas que vem orientado os estudiosos no desenvolver de suas pesquisas sobre o meio urbano (MARAFON, 1996).

A cidade para Park pode se resumir em um organismo vivo, que da mesma forma que as plantas, crescem, invadem, dominam e expulsam outras formas de vida de determinado meio. O processo de crescimento proposto por Park foi apropriado e sistematizado por Burgess, que desenvolveu a Teoria das Zonas Concêntricas (VIANA, 2012).

O crescimento urbano desenfreado trouxe consequências para os americanos, mas, precipuamente, para os migrantes, dentre os problemas encontrados foi a falta de moradia. Em virtude de o contingente migratório ultrapassar a oferta de imóveis, fez com que fosse criada as *tenement houses*, uma espécie de cortiço, na qual foram criados moradias coletivas que muitas vezes não contavam com serviços de água e esgoto, desta forma, tais apartamentos foram marcados por possuírem condições insalubres e precárias, corroborando para a disseminação de doenças, e estado de miséria, para se ter uma ideia da insalubridade, dados mostram que uma criança faleceu em uma *tenement* por asfixia, ante ao ar viciado de um apartamento sem ventilação. Desta forma, o estado precário e de miséria em volta das *tenement houses* propiciou consideravelmente ondas de criminalidade, as quais foram associadas a ervas daninhas (FREITAS, 2002).

Concernente ao estudo das áreas segregadas, há os guetos culturais, produtos da aglomeração de imigrantes ou refugiados nestas áreas. Sendo assim, por serem áreas marcadas pela desordem, pobreza dentre outros fatores acaba se tornando um terreno fértil para a criminalidade e tráfico de drogas. Tais processos de segregação acabaram por favorecer o distanciamento moral desmembrando a cidade em pequenos mosaicos de mundos que embora se toquem não se interpenetram, ante ao fato de serem amplamente separados e heterogênicos (NUCCI, 2021).

Assim, para sobreviver as variadas barreiras encontradas pelos imigrantes em território americano, tornou-se uma realidade muito comum entre estes grupos étnicos desprivilegiados o seu agrupamento, formando os chamados guetos étnicos e culturais, como por exemplo, o bairro dos italianos, negros e alemães. A língua e a cultura foram barreiras não só para a sua adaptação a nova terra, mas aos demais

imigrantes e uma das formas encontradas foi a formação de guetos com vistas a impedir o processo de aculturação, preservando seus costumes e línguas, e o resultado destas ações foram as altas segregações nos Estados Unidos (FREITAS, 2002).

O Guetos são as áreas degradadas, esquecidas e marginalizadas, além de se constituírem, consoante Catão e Pereira (2015), em um *locus* em que não há um exercício do direito à cidade e um local em que há nítida e expressa negligência dos direitos humanos. Os guetos são locais marcados pela desorganização social e tal fato repercute consideravelmente nas intenções dos sujeitos, precipuamente para a prática de atos criminosos. Merece ser ressaltado que a desordem nestes locais são puramente a ausência de um controle social forte, afinal os laços sociais comunitários são frágeis. Nesta senda, ambientes que não oferecem condições dignas aos que residem nestas áreas dentro da cidade, agrava a mobilidade e culmina com o enfraquecimento das instituições básicas da sociedade e como sabido esses sujeitos são mais propensos a perda da objetivação social e a vontade máxima direcionada em deixar tais locais.

Para alguns estudiosos, o gueto nada mais é do que uma “prisão social”, forçando que grupos desprivilegiados fossem confinados com o intuito de neutralizar as ameaças aos grupos dominantes. Sem esquecer de mencionar, que os imigrantes eram considerados categorias inferiores, sendo assim, o Estado não tinha as mesmas obrigações que tinha com os nacionais. Assim sendo, os imigrantes sofreram discriminações por parte dos nacionais, em virtude da competição por empregos e moradias, considerando que os imigrantes representavam mão de obra barata, em comparação a população local, fator este que corroborou com tratamentos hostis, já que por serem mão de obra barata a competição tornou desleal, reforçando a criação dos guetos. Desta feita, é possível afirmar que o gueto possui duas facetas, pois apesar de segregar grupos minoritários e dominados dentro de uma relação estrutural de subordinação, acaba por permitir a este grupo de imigrantes proteção, autonomia e dignidade (FREITAS, 2002).

Para os sociólogos de Chicago as áreas com maiores índices de criminalidade são marcadas pela miséria, péssima infraestrutura, doenças, alcoolismo, grande número de pessoas desempregadas, mão de obra desqualificada, novos imigrantes e baixo controle social. São áreas mais suscetíveis a serem ocupadas por estrangeiros, já que são mais baratas. Tais fatores colaboram

para o surgimento de cortiços e guetos os quais são formados pelas classes mais desfavorecidas e minorias. Nesta toada, são áreas menos desejadas para residir, e quem nelas reside, residem por necessidade, por esta razão são áreas de intensa mobilidade social.

“O residente da Zona II faz lembrar o “estranho” abordado por Georg Simmel em seu ensaio *Exkurs über den Fremden*, de 1903. Para Simmel, o estranho não é a pessoa que chega hoje e vai amanhã, mas aquele que chega hoje e, embora possa nunca mais se ir, vive em estado permanente de possibilidade de partida. O morador da Zona II parece “o estranho”. Os que moram nesta área ali estão por ausência de outra alternativa habitacional, sendo regra que anseiem por dali se mudar em direção ao subúrbio tão logo alcancem condições para tanto. Assim, mude-se dali logo, mas tarde ou nunca, o morador da Zona II, por viver esse anseio de dali partir, não cria ou evita criar vínculos com a área, o que é fator a contribuir para o baixo controle social desta localidade”.

Assim sendo, em razão destas relações serem transitórias somadas as crises nos controles sociais acaba mitigar e debilitar os valores comunitários outrora existentes, tornando-se, assim, um ambiente propício e favorável para o surgimento de grupos considerados desviantes. Os valores comunitários são substituídos por novos valores baseados na realidade destes grupos, isto é, à medida que estes grupos ocupam determinado espaço e exercem forte influência nestes espaços, culminará com a formação de novos grupos desviantes. Enquanto uma parcela destes sujeitos irão seguir caminhos éticos e trabalhos legais, apesar da miserabilidade ser sua realidade, uma parte irá desenvolver atividades às margens da ilegalidade. Nestes termos, para a Ecologia Humana, a pobreza é um elemento importante a ser considerado, justamente por fazer com que esta classe resida nos bairros mais degradados, em que reside uma boa parcela dos criminosos. Tal fato não significa que todos os habitantes dos guetos serão criminosos, mas dados demonstram que os jovens destas regiões são os mais influenciados por este meio (CATÃO, PEREIRA, 2015).

Como já bem elucidado, Chicago sofreu com um crescimento populacional exponencial que trouxe inúmeros problemas sociais, dentre eles o aumento da criminalidade, as quais foram potencializadas por inúmeros fatores, mas dentre eles,

a miscigenação cultural somadas as péssimas condições de vida. As ruas passaram a ser ocupadas por grupos denominados de gangues, grupos estes formados em sua maioria por adolescentes e jovens adultos. A gangue se traduz em “um grupo de jovens, todos rapazes e residentes na mesma vizinhança, reunidos em uma esquina de um bairro pobre situado próximo ao centro comercial da cidade. A maioria deles filhos de imigrantes. Este grupo informal de indivíduos se encontra regularmente para a prática de várias atividades, algumas delas infrações penais que podem ir de pequenas contravenções a crimes maiores. O quadro aqui descrito se amolda à imagem popular que nos Estados Unidos se tem da gangue” (FREITAS, 2002).

Sendo assim, pautando nos estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago acerca da violência e criminalização, podemos compreender os fenômenos juvenis das gangues ao relacionar a adoção de condutas desviantes e o ambiente, isto é, com base na Teoria da Ecologia Humana de que forma a cidade ou meio poderá influenciar no comportamento dos indivíduos (CATÃO, PEREIRA, 2015). Neste diapasão, preleciona Viana (2015), o crime está concatenado ao meio urbano, que em razão de ser estruturado de forma desordenada e radial, favorece a deterioração dos valores sociais tradicionais. Além do mais, conforme a Teoria Ecológica, compreender o crime e a sua distribuição nestes locais, apenas será possível após a realização de um paralelo entre a distribuição das plantas na natureza com a forma em que a sociedade se organizou e se edificou.

Portanto, dentre as contribuições da Escola de Chicago, menciona-se a metodologia adotada visando pesquisar as taxas de homicídios, as quais serão realizadas por meio da divisão por bairros, levando em consideração, precipuamente, os aspectos socioeconômicos de cada bairro, isto é, comparação da criminalidade com a pobreza, considerando que pesquisas demonstram que os bairros mais pobres, com baixas condições socioeconômicas, além de apresentarem maiores índices de criminalidade, há maiores taxas de distúrbios mentais, em virtude de más condições de moradia, falta de tratamento adequado e conflitos mentais devidos a modificação cultural advindas desta mobilidade (FURQUIM, 2018). Assim, a Escola de Chicago partindo do paralelo realizado entre a distribuição das plantas na natureza e a organização humana nas sociedades, tinha como tese principal fazer referências às zonas de delinquência, isto é, são os espaços geográficos,

cujas características inerentes, não servem, tão somente, para explicar o crime, mas a distribuições deste nestas áreas (VIANA, 2015).

2.4 A VIOLÊNCIA COMO UMA PROBLEMÁTICA SOCIAL INERENTE A QUALQUER TIPO DE SOCIEDADE

Ao longo dos anos, a questão da violência urbana passou a ser alvo de discussão, não apenas, por estudiosos, mas pela sociedade em geral, tendo em vista que se tornou uma problemática social. Os sentimentos de medo e de

insegurança foram inseridos no cotidiano da sociedade que se viu em posição de impotência frente ao aumento nos índices de violências e em contrapartida não recebem do Estado a proteção e segurança devida, colaborando, assim, para a banalização e o descrédito das instituições de segurança e justiça perante a sociedade (IZUMINO, NEME, 2002). Nesta toada, por sermos um Estado Democrático de Direito há um rol de direitos básicos que devem ser preservados, dentre eles a segurança e a ordem pública tencionando proteger o ser humano, seu patrimônio e a dignidade da pessoa humana (BATISTA, 2017).

A segurança Pública está inserida dentro do rol dos direitos fundamentais, sendo destinada a garantir a proteção dos sujeitos de direito e meios para que os demais direitos sejam desfrutados, como por exemplo, o direito de viver, por intermédio de ações repressivas e preventivas exercidas pelos órgãos e agentes públicos (FREITAS, 2012). Desta feita, constitui responsabilidade do Estado a prestação de serviços voltados a segurança pública destinados aos cidadãos com vistas a prevenir e remediar fatos lesivos cometidos por infratores visando salvaguardar a manutenção da ordem pública e a proteção da vida, por exemplo (BATISTA, 2017).

Há uma enorme dificuldade em conceituar o termo violência por se tratar de um fenômeno empírico antes de ser um conceito meramente teórico (PORTO, 2010). Todavia, podemos conceitualizar a violência urbana como manifestação de comportamentos contrários as diretrizes do ordenamento jurídico dentro de um espaço urbano. Sem embargo, há quem afirme que a questão da violência urbana se aproxima, na sua expressão mais acentuada, das condições vividas pela sociedade antes de aderirem ao pacto de proteção mútuo, o qual consiste em fundamento basilar da sociedade e do Estado, proposto por Thomas Hobbes.

Interessante ressaltar, que embora o legado de Hobbes não componha as diretrizes da segurança pública no Brasil, possui demasiada importância por ser o primeiro passo, apesar de consistir em uma visão rudimentar, para a construção e explicação do direito a segurança como um direito inerente a todo cidadão. Sua ideia partia do pressuposto de valorizar a vida, por ser bem inalienável, e caberia ao soberano elidir meios para proteção deste bem *máxime* dos seus súditos. Neste diapasão, o teórico precursor do direito à segurança, na sua obra *Leviatã*, posicionava-se a favor de um Estado absolutista, pois só assim o estado seria forte

para resolver os conflitos sociais, qual seja evitar uma guerra de todos contra todos, ante a natureza eminentemente instável dos homens (BARROS, 2011).

A questão da violência sempre existiu dentro da história da humanidade, ocorre que passou a ser tratada como uma problemática social de forma prematura, um fator preponderante para tal desiderato foi a questão de sermos uma sociedade midiática. A todo momento somos bombardeados com notícias nos meios de comunicação, de forma rotineira e intensa, denunciando não apenas os crimes bárbaros cometidos, mas, também, a ineficácia das instituições legais que muitas vezes colaboram para a impunidade dos infratores (SONADA, ASSIS e SCHENKER, 2016).

Corroborando, o fato de sermos uma sociedade medietizadas grande parte da nossa realidade é formada através das informações veiculadas nos meios de comunicação, a qual sem percebermos moldam nossa consciência, comportamentos e pensamentos. A mídia encontrou na crise da credibilidade das instituições de justiça um solo fértil para seu apogeu, pois ao exporem sua ineficácia e morosidade, generalizando a impunidade, colaboraram com a disseminação da cultura do medo e da insegurança. É patente que há uma relação sólida entre a rotinização e banalização da violência e os meios de comunicação em massa, afinal a violência faz com que a sociedade se sinta ameaçada e estes, ao explorarem a maior fragilidade humana, acabam por estimular a sensação de insegurança e impunidade (PORTO, 2010).

Conforme fora exposto, a Escola de Chicago relaciona a criminalidade a forma como ocorreu a expansão urbana, a imigração e a pobreza. Da mesma forma, utilizando como referência a Escola de Chicago, o Estado de Roraima se deparou com uma explosão demográfica e populacional não planejada, a qual se intensificou com a vinda de imigrantes venezuelanos. Tal explosão ocasionou sérios problemas, principalmente nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, propiciando o aumento nas taxas de criminalidade, tendo em vista o crescimento desenfreado (FURQUIM, 2018).

2.5 A INFLUÊNCIA DA ESCOLA DE CHICAGO PARA O MAPEAMENTO DAS ZONAS CRIMINÓGENAS COM ALTOS INDÍCES DE HOMICÍDIOS VIOLENTOS DE JOVENS, DE 15 A 24 ANOS, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA – RORAIMA, SOB A ÓTICA DA ECOLOGIA HUMANA

A Escola de Chicago surgiu em meio a um contexto histórico e sociocultural presente na cidade de Chicago, a qual passou por um crescimento urbano desenfreado, precipuamente, em razão do êxodo rural e do processo migratório (CATÃO, PEREIRA, 2015). Dentre os pesquisadores da escola de Chicago, podemos mencionar Park e Burgess.

Park se apropriando dos conceitos básicos e vitais da ecologia, explana que a cidade se traduz em um organismo vivo, posto que, de forma semelhante, cresce, invade determinadas áreas, as domina e expulsa outras formas de vida que ali residiam, processo esse descrito pelos ecologistas como “invasão, dominação e sucessão”. Noutra parte, o processo de crescimento ilustrado por Park foi apropriado e sistematizado com Burgess na chamada Teoria das Zonas Concêntricas, em que elucida que a cidade cresce de forma radial, isto é, de dentro para fora, em círculos concêntricos, chamado de zona (VIANA, 2015). Desta forma, concernente a teoria proposta por Burgess, no que tange à estrutura espacial da cidade, a presente pesquisa utilizará dos conceitos e ideias ecológicas, com o objetivo de buscar melhor compreensão acerca da temática proposta, com as devidas adaptações a realidade da cidade de Boa Vista – Roraima, sem contudo, exauri-la.

Há uma enorme dificuldade de aplicar a Teoria das Zonas Concêntricas às cidades brasileiras, primeiramente, a industrialização no Brasil, foi tardia, especificamente, pós Segunda Guerra Mundial. Segundo, o subúrbio no Brasil, não se trata de uma área valorizada, mas geralmente mais pobre, de regra, ao contrário dos Estados Unidos, quanto mais afastado do centro, mais empobrecido é o local, posto que são áreas mais baratas. Interessante mencionar, que a classe formada pelas classes sociais alta e média, via de regra, instalam suas residências nas áreas mais centrais, por serem mais próximas do local de trabalho, considerando que quanto menor a distância, entre o local de trabalho e a residência, maior a qualidade de vida. Por fim, a terceira dificuldade reside no fato de as cidades brasileiras não serem tão homogêneas entre si, em relação às variáveis: industrialização, recebimento de imigrantes e crescimento desordenado da população (FREITAS, 2002).

Consoante o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2014 a 2018 (2018), o estado de Roraima vêm sofrendo com a crise relacionada a segurança pública, porém de forma diferenciada. Neste lapso temporal, além de sofrer os reflexos da crise institucional, política e econômica do Brasil, vem sofrendo com a

crise instalada na Venezuela que repercutiu na imigração irrestrita e sem fiscalização no estado. Tais fatores somados vêm contribuindo para reforçar a crise já instalada, pois anteriormente a imigração, o Estado já sentia dificuldade em obter recursos suficientes para atender as políticas públicas destinadas a população local, porém com as novas demandas a situação ficou insustentável. Os dados mostram que desde o ano de 2014 a 2017, houve um aumento de 180% no índice de crimes de homicídios dolosos em comparação ao ano de 2014. Tais dados colocaram o estado de Roraima no ranking do 10º estado mais violento do país.

É de conhecimento notório, que desde o ano de 2015, o Brasil foi escolhido por milhares de imigrantes venezuelanos como refúgio para fugir das mazelas que, ainda, assolam seu país natal (BARBOSA, SALES, SOUZA, 2020). O Brasil contou com o recebimento de um alto fluxo migratório, não apenas, por ser país fronteiro a Venezuela, mas, também, por conta da fiscalização deficiente na região de fronteira, culminando com a entrada de venezuelanos de forma ilegal e sem documentação no território brasileiro.

A crise política e socioeconômica na Venezuela atingiu proporções inimagináveis na história da humanidade fazendo com que muitos venezuelanos escolhessem o Brasil como refúgio por razões humanitárias (ABRAHÃO, 2019). Para se ter uma ideia, no ano de 2014, 201 (duzentos e uma) solicitações de refúgio foram solicitadas e esse número saltou para 17.865 solicitações de venezuelanos no ano de 2017. Apesar de ter tido um crescimento significativo em 2017, o ano de 2018 registrou um aumento de 245% (duzentos e quarenta e cinco) por cento, equivalente a 61.681 (sessenta e um mil, seiscentos e oitenta e um) novos pedidos de refúgio, conforme dados fornecidos pelo Ministério de Justiça e Segurança Pública (BRASIL – UNHCR ACNUR, 2019).

Quanto ao fluxo migratório, dados da Polícia Federal divulgam apenas no primeiro trimestre de 2018 foi contabilizado uma média de 800 (oitocentos) migrantes atravessando a fronteira brasileira por dia (SOUZA; SILVEIRA, 2018).

Nesse interim, dados da Polícia Federal aduzem que no ano de 2016 o Estado de Roraima contou com a entrada de 89.452 (oitenta e nove mil, quatrocentos e cinquenta e dois) imigrantes. Sendo que, houve um boom populacional no ano de 2018, já que foi registrado o número de 224.358 (duzentos e vinte e quatro mil, trezentos e cinquenta e oito) imigrantes entrando pela fronteira brasileira. A soma dos imigrantes registrados, entre 2016 a 2019, totalizam o

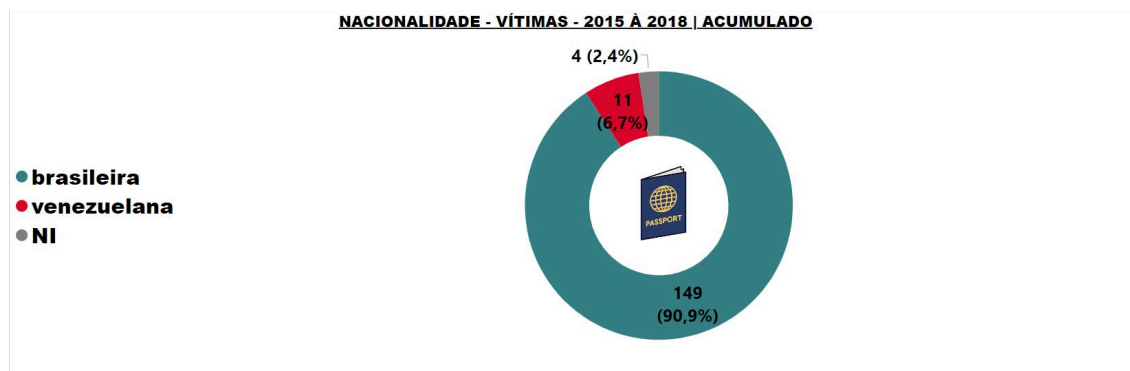
montante de 675.819 (seiscentos e setenta e cinco mil, oitocentos e dezenove) imigrantes venezuelanos em território brasileiro. Tal dado gera enorme preocupação, posto que houve um aumento significativo, considerando que apenas o número de imigrantes registrados ultrapassou o número de habitantes no Estado de Roraima que totalizava 605.761 (seiscentos e cinco mil, setecentos e sessenta e um) habitantes, conforme dados fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019.

De forma concomitante ao crescimento populacional no estado de Roraima, bem como no município de Boa Vista, houve de forma proporcional um crescimento das taxas de violência. Com fulcro nos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, houve um aumento no número de crimes violentos a partir de 2015, momento em que houve um aumento no fluxo migratório. No ano de 2014, foi contabilizado 78 (setenta e oito) assassinatos, em 2015 saltou para 102 (cento e dois) casos de homicídios, atingindo a marca de 20,2 mortes violentas por grupo de 100 mil habitantes. No ano de 2016, houve um aumento de 41,2 mortes violentas por grupo de 100 mil e o número de mortos foi de 212. Já no ano de 2018, foi registrada uma taxa de 66,6 assassinatos por grupo de 100 mil habitantes e 384 (trezentos e oitenta e quatro) mortes, dado estarrecedor quando comparado a média nacional que registrou 27,5 assassinados para cada 100 mil habitantes.

Em relação a participação dos venezuelanos no cenário da violência no município de Boa Vista – Roraima, nos casos homicídios dolosos, podemos chegar a seguinte constatação. Em relação as vítimas, os venezuelanos correspondem apenas a 11 (onze) dos casos, isto é, 6,7% (seis, sete) por centos das vítimas, enquanto que os brasileiros correspondem a 90,9% (noventa, nove) por cento – 149 (cento e quarenta e nove) das vítimas. Em relação aos venezuelanos autores de crimes de homicídios dolosos, o estudo ficou prejudicado, ante a dificuldade de localizar, na grande maioria das vezes, os autores destes crimes tão cruéis. Assim, a dificuldade na colheita dos dados impediu de concluir um estudo mais detalhado, acerca da participação dos venezuelanos nestes crimes.

GRÁFICO 1 – NACIONALIDADE – VÍTIMAS – 2015 A 2018¹

¹ **GRÁFICO 1** – Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia Militar do Estado de Roraima.



Porém, apesar de não ser possível um estudo minucioso, é certo que um crescimento urbano desenfreado conduz a desorganização social, noutras palavras, são ambientes marcados pela escassez de recursos e controle social, terreno fértil para adoção de condutas violentas e criminosas.

É notório que a violência e a insegurança estão inseridas dentro das relações sociais, todavia esta não poderá ser vista como algo banal e normal. A dramatização do crime fez com que esta problemática não se limitasse a ser um problema, mas se tornasse um espetáculo, promovendo, conseqüentemente, um maior distanciamento entre as pessoas mesmo diante de crimes bárbaros, tendo em vista que nada mais os sensibiliza de modo convincente. A falta de empatia nos tornou espectadores de um crescimento colossal da marginalização no Brasil, cuja origem não se restringe a um único fator por estar intrínseca as relações sociais e mutável ante as particularidades destas (GULLO, 1998).

A sociedade não pode se tornar espectadora apática frente ao crescimento nos índices de homicídios no município de Boa Vista, pois este gravame não atinge pessoas determinadas, mas a sociedade como um todo, principalmente quando aumenta a vitimização letal de jovens, com idade entre 15 a 24 anos. O Atlas da Violência, entre 2005 a 2015 (2017) já apresentava uma evolução da letalidade violenta contra os jovens, dada a crise civilizatória que assola o Brasil que passou a naturalizar os homicídios. Desde o ano de 1980, chamando atenção o aumento nas taxas de jovens mortos, todavia entre os anos de 2005 a 2015, houve um aumento de 17,2% na taxa de homicídios de jovens entre 15 a 29 anos, isto significa um montante de mais de 318 mil jovens assassinados.

A juventude perdida, como bem denominada, evidencia uma dupla realidade, primeiramente denota a perda de vidas humanas e de outro lado escancara um problema social que consiste na falta de oportunidades educacionais e laborativas,

as quais acabam por impulsar jovens a criminalidade violenta para fugir de uma vida baseada em restrições materiais e de anomia social. No ano de 2005 a 2015, no Estado de Roraima, houve um aumento no número de homicídios de jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos, que saltou de 42 para 77 indivíduos (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2017). O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no ano de 2018, chamou atenção para o crescimento nas taxas de jovens mortos em 20 estados no Brasil no ano de 2016, e Roraima ocupava o sexto lugar do estado que mais vem vitimizando jovens (BRASIL, 2018).

A juventude perdida vêm chamando atenção dos pesquisadores em diversas áreas, justamente por ser um problema de primeira importância que gerará futuramente um empecilho ao desenvolvimento social do país e tal problemática vêm alavancando em velocidade alarmante, principalmente, nos estados do norte, tendo como causa primária os crimes de homicídio (BRASIL, 2018). No ano de 2017, a violência contra jovens ganhou contornos dramáticos, tendo em vista que 59,1% do total de óbitos de homens, na faixa etária de 15 a 19 anos, foram ocasionados por homicídios. Tal fato gerará fortes implicações no âmbito socioeconômico, afinal estamos inseridos em uma transição demográfica, na qual a maior parte da população está rumo ao envelhecimento (ATLAS DA VIOLÊNCIA. 2019).

No estado de Roraima, dentre os crimes violentos, letais e intencionais, o homicídio doloso possui maior índice, por exemplo, no mês de setembro de 2018, das 40 mortes, 38 mortes foram decorrentes de homicídios (G1 RORAIMA, 16/11/2018). Embora não sejam dados oficiais, afinal partiram dos dados levantados por meio das matérias realizadas pelo Jornal Roraima em Tempo, alguns dados puderam ser percebidos, como por exemplo, os bairros com alta concentração de homicídios dolosos, no município de Boa Vista, são: Doutor Sílvio Botelho, São Bento, Senador Hélio Campos, Jardim Equatorial, Sílvio Leite, Jardim Floresta, Operário, Alvorada, Jardim Primavera, Cidade Satélite, Distrito Industrial, Pricumã, bairro Doutor Ayrton Rocha, região do anel viário, e grande parte das execuções foram em decorrências de disputadas entre facções rivais (RORAIMA EM TEMPO, 15/09/2018).

Embora os crimes de homicídios dolosos não estejam restritos a um grupo social ou porção territorial específico no município de Boa Vista, pode-se encontrar uma maior concentração dos crimes de homicídios em áreas determinadas, tal fato consoante Melhem (2012) justifica-se por estas regiões serem passíveis às invasões

e, por serem distantes, são as menos desejadas tornando acessíveis aos imigrantes e aos mais pobres. Desta feita, são áreas naturalmente criminógenas, ante a desorganização social e a má distribuição de riquezas que estruturam a sociedade em classes sociais, acabando por repartir desigualmente as oportunidades.

No ano de 2018, de janeiro a setembro, com base em dados encaminhados pela Secretaria de Segurança Pública em Roraima, foram registradas o total de 244 mortes violentas em todo estado (G1 RORAIMA, 16/11/2018). O Atlas da violência do ano de 2019, aduz que no ano de 2017, Roraima estava como um dos estados com maior taxa de morte violenta da região norte. E aduz que o alto índice de morte violenta foi ocasionado por dois motivos: o primeiro diz respeito ao grande número de imigrantes que entram em território brasileiro e o segundo motivo é referente a disputa pelas rotas e do tráfico de entorpecentes pelas três maiores facções instaladas no estado de Roraima, como FDN, PCC e CV, esta disputa ocasionou no ano de 2017 a rebelião dentro da Penitenciária Agrícola de Monte Cristo culminando com a morte de 33 presos, em resposta ao massacre no Compaj (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019).

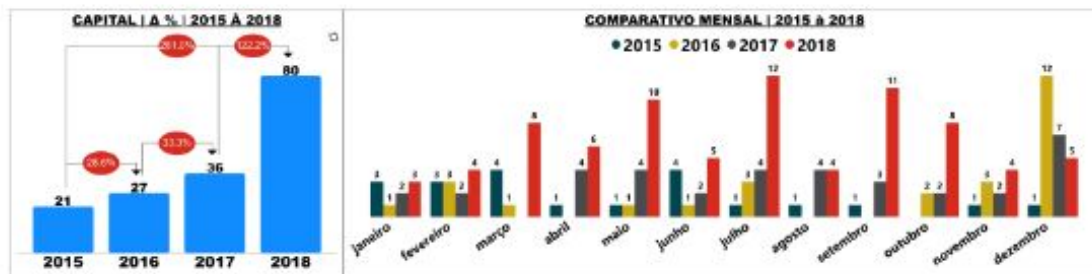
Desde o ano de 2005, há um grande interesse, em âmbito nacional, quanto aos homicídios de jovens, precisamente na condição de vítimas, por meio de pesquisas desenvolvidas e sistematizadas em Mapas da Violência. Em Boa Vista, podemos sentir os impactos, através, dos indicativos que demonstram um crescimento alarmante nos índices de jovens vítimas de homicídios em uma escala crescente.

Através dos dados colhidos, em Boletins de Ocorrência e/ou Inquéritos Policiais, dos crimes de homicídios, cujas vítimas tinham em torno de 15 a 24 anos, podemos vislumbrar um aumento de 281% (duzentos e oitenta e um por cento), entre os anos de 2015 a 2018. Chama-se atenção ao ano de 2018 que contou com um aumento de 122,2% (cento e vinte dois e dois por cento) em comparação ao ano de 2017, que registrou um aumento de 33,3% (trinta e três, três por cento), conforme gráfico abaixo:

GRÁFICO 2 – AUMENTO NO ÍNDICE DE JOVENS (ENTRE 15 A 24 ANOS) VITIMIZADOS (DE 2015 A 2018) ²

² **GRÁFICO 2** – Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia

Os gráficos ao abaixo evidenciam solicitações/atendimentos relacionadas à homicídios dolosos, nos anos de 2015 à 2018, de vítimas com faixa etária entre 15 e 24 anos em Boa Vista, que quando comparado o ano de 2015 com 2018, mostrou um aumento de 281%.



a Escola de Chicago relaciona a criminalidade a forma como ocorreu a expansão urbana, a imigração e pobreza. Da mesma forma, utilizando como referência a Escola de Chicago, o Estado de Roraima deparou-se com uma explosão demográfica e populacional não planejada, a qual se intensificou com a vinda de imigrantes venezuelanos. Tal explosão ocasionou sérios problemas, principalmente nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, propiciando o aumento nas taxas de criminalidade, tendo em vista o crescimento desenfreado (FURQUIM, 2018).

É certo que cada cidade irá se desenvolver observando a realidade à época, porém é possível traçarmos padrões similares, como por exemplo, as cidades crescem radialmente partindo do centro, local em que podemos encontrar os órgãos administrativos, centros comerciais e financeiros, espalhando-se, em outro momento, para os bairros mais ricos e valorizados e, por fim, as zonas mais afastadas do centro, chamadas de periferia, em que há patente desorganização social e onde vive a camada mais pobre da urbe. Além do mais, é possível vislumbrar que as políticas estatais visando o controle social são mais eficientes no centro, enquanto que, à medida que vai se afastando, diminui consideravelmente a presença do Estado, tornando ínfima ou ausente a assistência estatal. Da mesma forma que Chicago, a criminalidade é uma grande problemática brasileira, não há um local específico para cada tipo de crime, porém é possível denotarmos que embora os crimes não ocorram de forma uniforme, há sim predominância de determinados tipos de crime em uma região, por exemplo, nos guetos, chamados no Brasil de periferia e favela, residida pelos excluídos sociais e pela classe mais pobre, além de ausência ou presença ínfima das forças estatais ou dos valores tradicionais

sociais, há elevado índice de crimes bárbaros e cruéis, como os homicídios, conforme dados acima (NUCCI, 2021).

Embora seja corriqueiro tratar acerca da violência urbana, faz-se necessário sublinhar que a violência não está limitada a ocorrer, apenas, em um espaço territorial específico, posto que este fenômeno não se manifestará de forma uniforme dentro de um espaço social. (IZUMINO, NEME, 2002). Ocorre que, o presente estudo cingirá a análise das zonas urbanas, tendo em vista carregam em sua essência exclusão, desigualdades e injustiças, cuja intensidade variará de acordo com o modelo de dominação. Embora exaustivamente tratado outrora, os crimes não estão restritos a um grupo social ou porção territorial específica, podemos afirmar que há íntima relação entre a organização do espaço e a criminalidade, constituindo o crime um produto social inerente a vida urbana. Consoante a teoria Ecologia Criminal, oriunda da Escola de Chicago, a natureza do crime não dependerá tão somente do indivíduo, mas o ambiente e grupo a qual pertence serão preponderantes, haja vista que a criminalidade será menor nos centros quando comparada as regiões periféricas.

Nesta senda, além da violência ser multifatorial, sua identificação torna-se complexa, posto que não irá se ramificar de forma uniforme no tecido social. Não restam dúvidas que a criminalidade não está relacionada a uma classe social, grupo ou condicionante territorial específica, mas a forma como os atos infracionais se manifestam, dentre eles os crimes de homicídio violento, serão preponderantes em áreas determinadas (PORTO, 2010). Corroborando, mesmo com a falta de uniformidade da criminalidade no conjunto social, estudos realizados demonstram que zonas dos guetos possuem alto índice de criminalidade, além disso, os jovens constituem a parte mais vulnerável dentro desta problemática na seara de segurança pública, isto é, apesar de não existir único fator criminógenos, mas uma pluralidade, foi possível vislumbrarmos, após colheita de dados, que há uma alta taxa de jovens vitimizados por este fenômeno espúrio, e, grande parte, estão inseridos nas classes sociais mais baixas, demonstrando que é possível estabelecer um elo entre a violência e pobreza (SANTOS, OLIVEIRA, PAICA E YAMAMOTO, 2012).

Após a sistematização dos dados colhidos junto aos Departamentos da Polícia Civil, foi possível construir o Mapa da Violência de Boa Vista – Roraima, o qual foi sistematizado em dois mapas: mapa de pontos e de calor.

Conforme o mapa de pontos, cada ponto não foi escolhido sem critério, mas com base no endereço em que ocorreu o crime ou foi localizado o cadáver foi determinada a latitude e longitude para tornar mais preciso o mapa. Merece ressaltar, que muitos locais, por conta da ausência de informações mais precisas, ficaram em pontos próximos, mas com o cuidado para manter a fidedignidade necessária.

Por outro lado, o mapa de calor, parte da técnica que permite uma visualização dos dados colhidos, mostrando a magnitude, através de cor em duas dimensões.

FIGURA 1 – Mapa de Pontos | Boa Vista | Ocorrências de homicídios dolosos | 2015 a 2018 | Faixa etária de 15 a 24 anos | acumulado³

³ **FIGURA 1** - Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia Militar do Estado de Roraima.

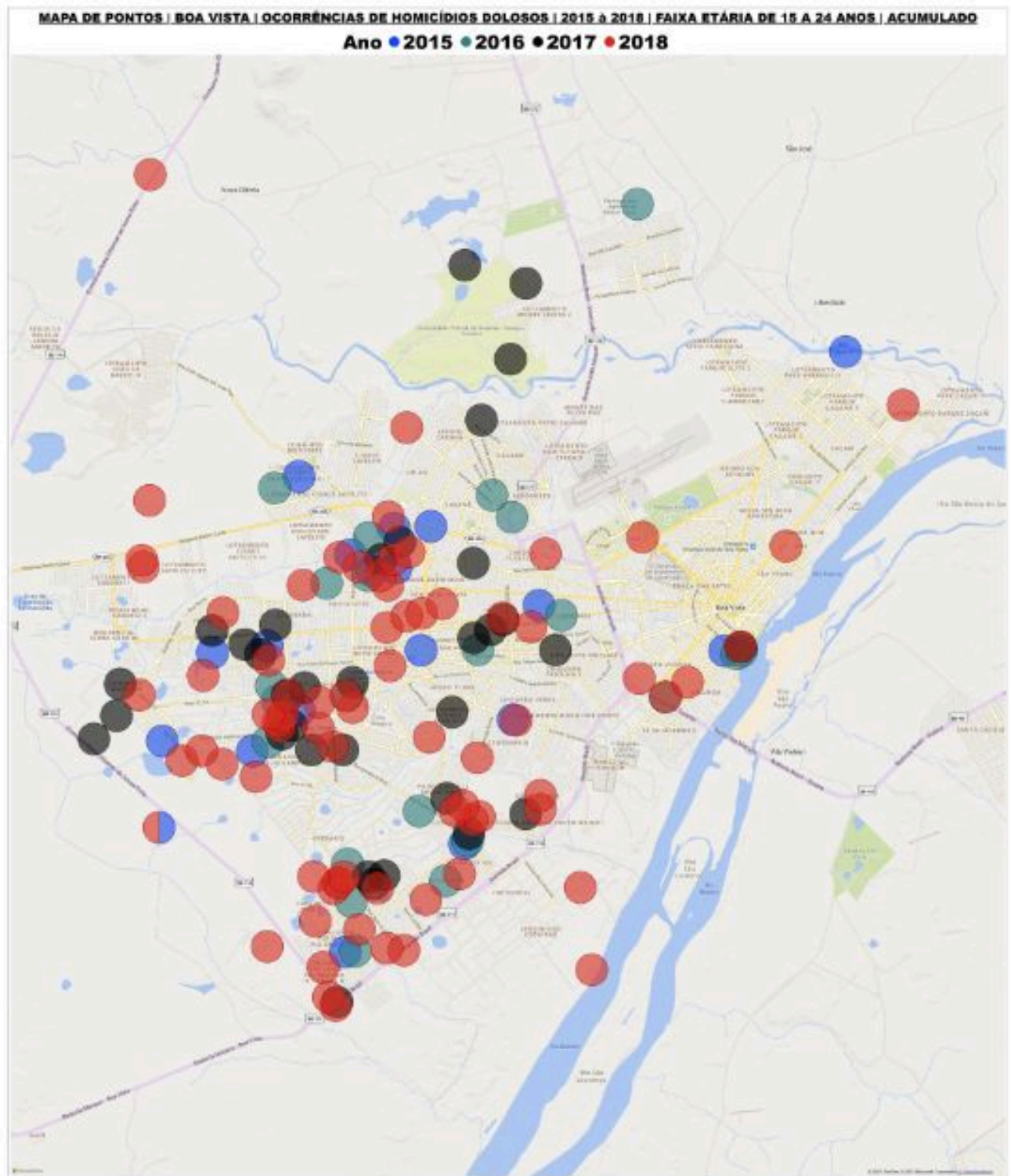
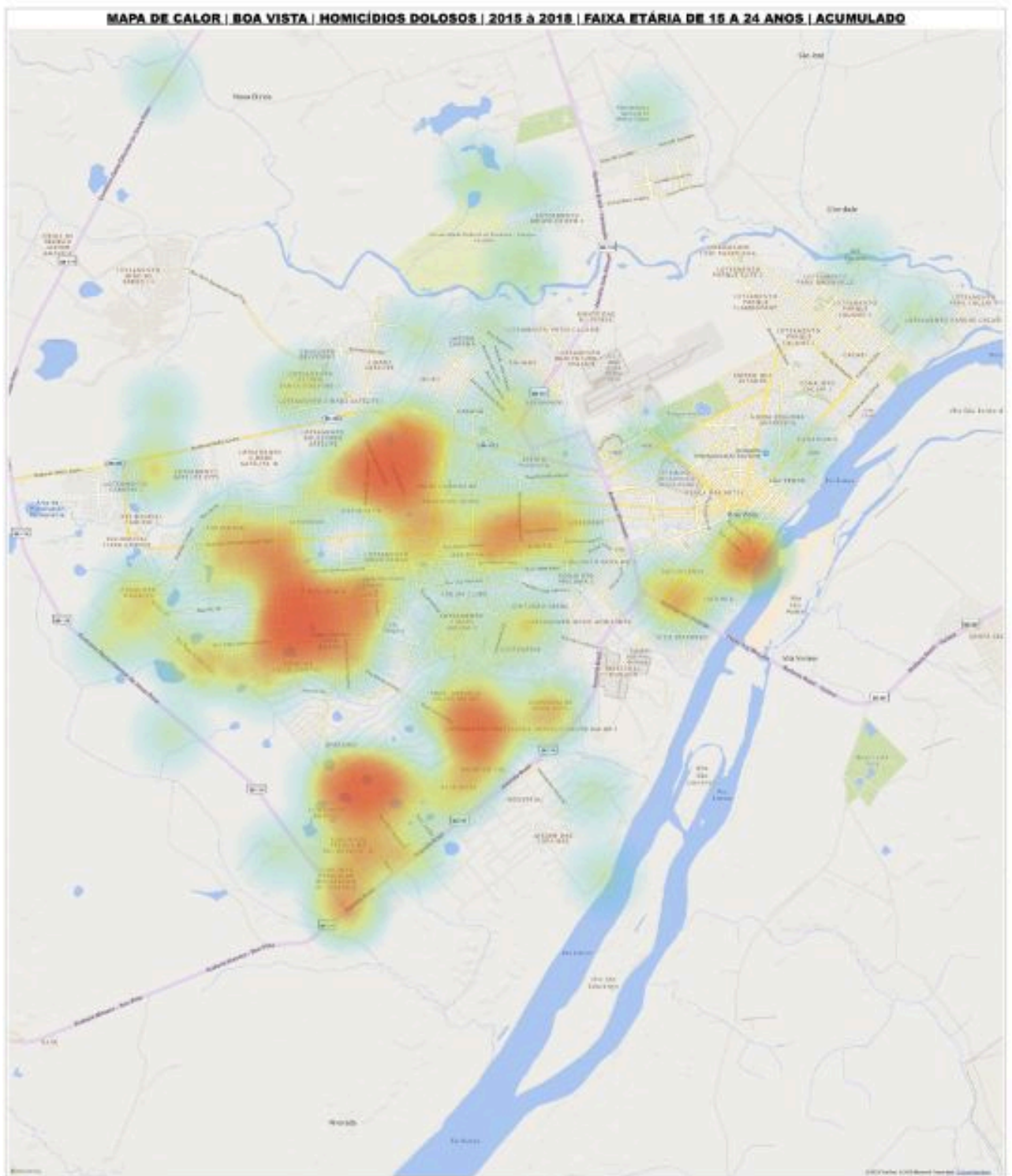


FIGURA 2 – Mapa de Calor | Boa Vista | Homicídios dolosos | 2015 a 2018 | Faixa etária de 15 a 24 anos | acumulado⁴

⁴ **FIGURA 1** - Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia Militar do Estado de Roraima.



Como se pode denotar, através dos dados não há uma área que não foi atingida, mas, há, com clareza solar, áreas dentro da urbe há locais em que os crimes de homicídios dolosos, sobremaneira as vítimas jovens, são preponderantes. Consoante Catão e Pereira (2015), diferentes áreas da cidade, em virtude das

condições singulares que se encontram, podem, ainda que, de forma transitória, serem ambientes degradados e marginalizados, precipuamente, os bairros pobres afastados do centro da cidade.

A violência se traduz em uma problemática que não está restrita a uma classe, grupo social ou condicionante territorial especificamente, porém a forma como os atos infracionais, precipuamente o crime de homicídio, concentrar-se-á será de forma distinta. Assim sendo, nada impede que seja possível trabalhar através de um mapa de vitimização, com o intuito de articular as manifestações de violência dentro de uma área urbana, buscando identificar os espaços urbanos que concentram as maiores taxas de ocorrência de crimes, como por exemplo o crime de homicídio de jovens (PORTO, 2010). Conforme dados colhidos, as taxas de homicídios são maiores nas periferias, considerada áreas pobres e onde vive a maior parte da urbe, quando comparada ao centro e as regiões, embora afastadas são áreas nobres.

Os dados mostram que é possível encontrar uma maior concentração dos crimes de homicídios em áreas determinadas, tal fato consoante Melhem (2012) justifica-se por estas regiões serem passíveis às invasões e, por serem distantes, são as menos desejadas tornando acessíveis aos imigrantes e aos mais pobres. Desta feita, são áreas naturalmente criminógenas, ante a desorganização social e a má distribuição de riquezas que estruturam a sociedade em classes sociais, acabando por repartir desigualmente as oportunidades.

Apesar de tratarmos acerca da violência urbana, especificamente, na cidade de Boa Vista – RR, não podemos limitar a ocorrência da violência a um espaço territorial específico, mas não é correto afirmamos que as variadas formas de violência ocorrem de forma uniforme dentro deste mesmo espaço. A falta de uniformidade em relação as concentrações de infrações penais em um mesmo espaço urbano poderá ser justificada pelo modo como ocorreu o processo de crescimento das cidades e pela forma como as riquezas foram distribuídas.

Sendo assim, a cidade como um todo será afetada pela desorganização social, porém em escalas distintas, já que os impactos serão maiores nas áreas degradadas, marcadas pela pobreza, tendo em vista que terão altos índices de violência e criminalidade. Preleciona com grande maestria Catão e Pereira (2015) que “(...) todas as áreas da cidade são afetadas, de alguma maneira, pela desorganização social, só que em diferentes escalas os impactos são percebidos,

visto que a desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos é o que definirá quem são os excluídos, os marginalizados, os estigmatizados, entre outros grupos igualmente presentes nas sociedades de um modo geral”.

Pode-se notar, através dos dados colhidos, que em Boa Vista, os bairros marcados pela pobreza e mais longe do centro são os que possuem a maior preponderância de crimes de homicídios de jovens, como por exemplo o bairro Senador Hélio Campos que durante os anos de 2015 a 2018 apresentou as maiores taxas, quando comparado ao bairros que, embora afastados do centro, são áreas nobres, como por exemplo, o bairro São Francisco não contabilizou nenhum registro e o bairro Caçari fez um único registro no ano de 2015, conforme gráficos abaixo.⁵

Gráfico 3 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências

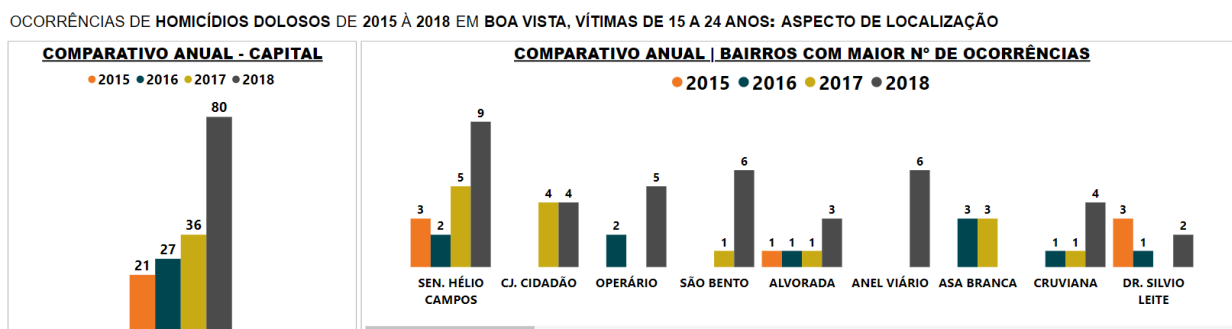


Gráfico 4 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências

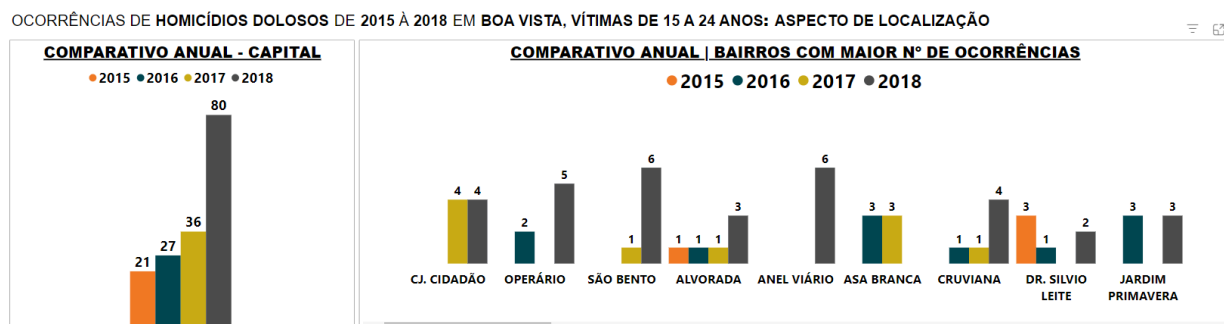


Gráfico 5 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências

⁵ **GRÁFICO 3 ao 8** – Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia Militar do Estado de Roraima.

OCORRÊNCIAS DE HOMICÍDIOS DOLOSOS DE 2015 À 2018 EM BOA VISTA, VÍTIMAS DE 15 A 24 ANOS: ASPECTO DE LOCALIZAÇÃO

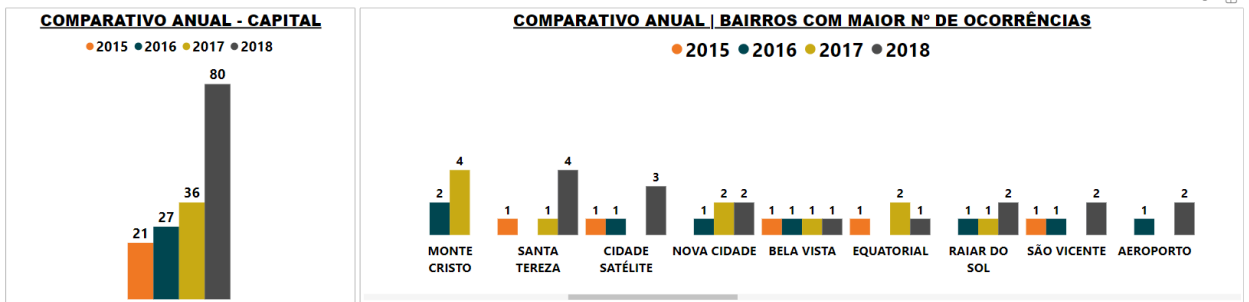


Gráfico 6 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências

OCORRÊNCIAS DE HOMICÍDIOS DOLOSOS DE 2015 À 2018 EM BOA VISTA, VÍTIMAS DE 15 A 24 ANOS: ASPECTO DE LOCALIZAÇÃO

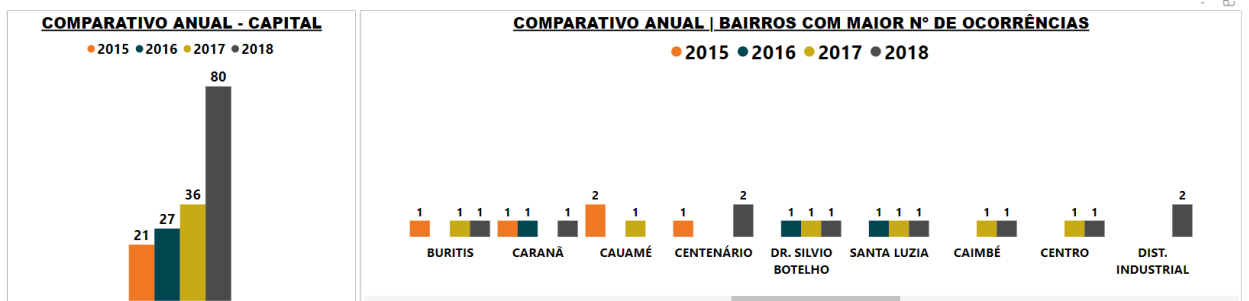


Gráfico 7 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências

OCORRÊNCIAS DE HOMICÍDIOS DOLOSOS DE 2015 À 2018 EM BOA VISTA, VÍTIMAS DE 15 A 24 ANOS: ASPECTO DE LOCALIZAÇÃO

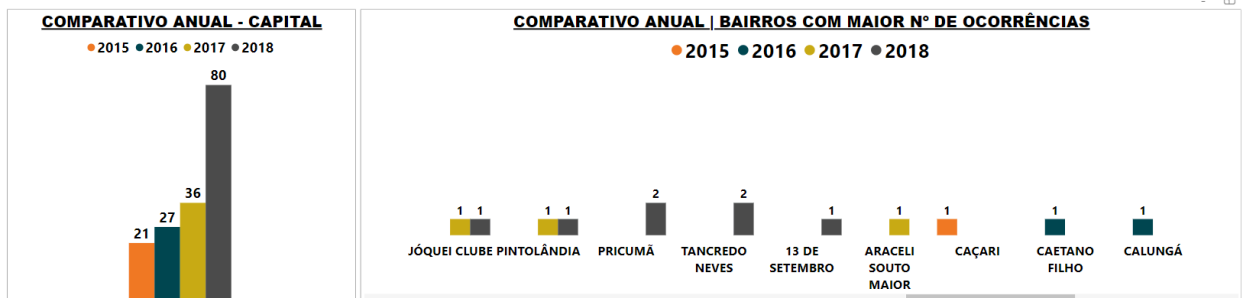
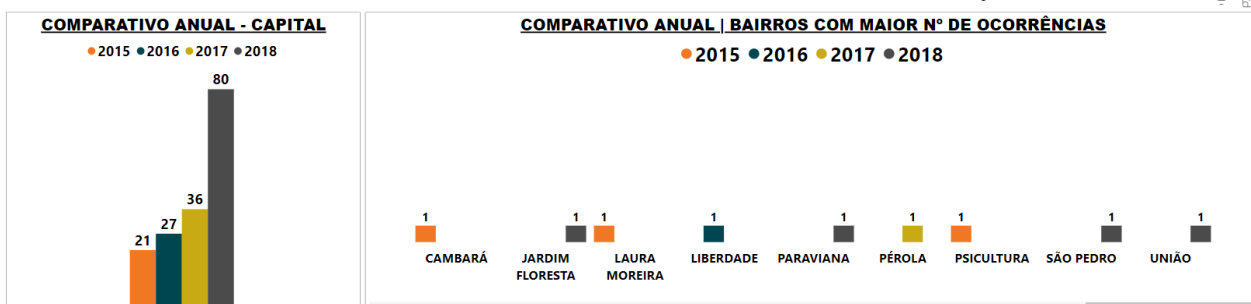


Gráfico 8 – Comparativo Anual | bairros com maior nº de ocorrências



Neste ínterim, os crimes patrimoniais, por exemplo, concentram-se nas regiões centrais, haja vista que é neste espaço que podemos encontrar uma maior concentração e circulação de riquezas, todavia, os crimes contra vida, como por exemplo o homicídio, possuirão uma maior taxa nas regiões mais distantes (IZUMINO, NEME, 2002). Realizar o mapeamento dos locais em que há predominância de crimes de homicídios, considerando variáveis como local do crime, dia e horário, grupo majoritário, dentre outros, permite que seja alocado recursos públicos nas áreas mais necessitadas e estabelecer estratégias, com o intuito de conter e diminuir tais práticas criminosas, principalmente quando os jovens são as vítimas mais afetadas (GONZAGA, 2020).

2.6 O AUMENTO DA CRIMINALIDADE E SUA RELAÇÃO COM A FRAGILIDADE DOS CONTROLES SOCIAIS

Forçoso ressaltar que, apesar de o senso comum vincular o aumento da criminalidade a pobreza, este fato é apenas uma pequena fatia de um enorme problema (IZUMINO, NEME, 2002). Como mencionado alhures, não podemos associar a origem da violência apenas a pobreza, tendo em vista que esta é apenas um reflexo, a ponta de um *iceberg*, de um problema maior, ocasionado pela má distribuição de riquezas e desigualdades ou segregações sociais e espaciais. Assim sendo, relacionar a violência, tão somente, com a questão da pobreza desvendará apenas um lado de um conjunto dentro de uma representação social (PORTO, 2010).

É notório que a violência e a insegurança estão inseridas dentro das relações sociais, todavia esta não poderá ser vista como algo banal e normal. A dramatização do crime fez com que esta problemática não se limitasse a ser um problema, mas se tornasse um espetáculo, promovendo, conseqüentemente, um maior distanciamento entre as pessoas mesmo diante de crimes bárbaros, tendo em vista que nada mais os sensibiliza de modo convincente. A falta de empatia nos tornou espectadores de um crescimento colossal da marginalização no Brasil, cuja origem não se restringe a um único fator por estar intrínseca as relações sociais e mutável ante as particularidades destas (GULLO, 1998).

Além da forma como ocorreu o processo de crescimento das cidades e a distribuição de riquezas, podemos mencionar que a globalização é a responsável, também, por grande parte das transformações espaço-temporal. A inserção brasileira na era da globalização, embora trouxe inúmeras vantagens, trouxe alguns ônus, dentre eles, o aumento da desigualdade social e funcionou como um vetor de exclusão social. A globalização criou “novas sociabilidades” pautadas por relações estruturadas não apenas por laços de solidariedade, mas pela violência. Tanto a inclusão como a exclusão social podem ser consideradas duas faces de uma mesma moeda, as quais irão se expressar de inúmeras formas, sendo o tipo de violência um traço característico (PORTO, 2010).

O crescimento desordenado da urbe contribui para o enfraquecimento dos meios coercitivos tradicionais, como igreja, família e escola, por exemplo, fazendo com que as relações sociais prevaleça o anonimato e, conseqüentemente, não obtêm o êxito de impedir atos antissociais, posto que o enfraquecimento e ruptura desta relação social primária, em razão de enfraquecer o sistema, favorece o aumento da criminalidade no meio urbano.

Além disso, a ausência de um Estado forte nas zonas periféricas e marginais, em que há uma deficiência de segurança, educação e saúde dentre outros, acaba por fortalecer o sentimento de anomia e insegurança, sentimentos propícios para o florescimento de grupos informais e com condutas desviantes daqueles determinadas pelo Poder Legislativo, cuja o intuito é a busca pelo poder, sob o manto de manter a ordem local. Dito isto, surgem as gangues, formadas por grupos de pessoas que compartilham de pensamentos semelhantes e distintas da classe dominante e privilegiada, os quais possuem seus códigos internos e, muitas vezes, adotam comportamentos e posturas desviantes e ilegais. Tal associação de pessoas, é chamado pela Criminologia de subcultura delinquente, posto que instigam os seus integrantes a praticarem condutas, consideradas crimes ou infrações penais (GONZAGA, 2020).

As zonas urbanas carregam em sua essência exclusão, desigualdades e injustiças, cuja intensidade variara de acordo com o modelo de dominação. Embora exaustivamente tratado outrora, os crimes não estão restritos a um grupo social ou porção territorial específica, todavia podemos afirmar que há íntima relação entre a organização do espaço e a criminalidade, constituindo o crime um produto social inerente a vida urbana. Consoante a teoria Ecologia Criminal, oriunda da Escola de Chicago, a natureza do crime não dependerá tão somente do indivíduo, mas o ambiente e grupo a qual pertence serão preponderantes, haja vista que a criminalidade será menor nos centros quando comparada as regiões periféricas.

Para os sociólogos adeptos a esta teoria, a desorganização social consistia em um fator preponderante, em virtude da perturbação cultural ocasionada ante a mudança social, fruto de falhas de controles sociais tradicionais, confusão de papel, códigos morais conflitantes e baixa confiança nas instituições. Esta desorganização era mais visível nas regiões mais pobres, na qual residia a maior parte dos imigrantes, nestes bairros as condições de vida eram péssimas e muitos viviam em condições desumanas e sem infraestrutura, a população mais carente residiam próximas as industriais e, dado a este fato, eram obrigadas a conviver com mau cheiro, lixo e degradação, fatores estes que somados criam condições favoráveis para o cometimento de atos delituosos (FURQUIM, 2018).

Sendo assim, anteriormente, as instituições tradicionais, como a igreja, escola, família e a própria comunidade exerciam influência sob a sociedade, porém com o crescimento desenfreado as antigas formas de controle social foram

comprometidas de forma significativa. Assim sendo, em virtude do crescimento sem precedentes, a heterogeneidade étnica ante os processos migratórios, o anonimato e relações passageiras acabaram por romper com os mecanismos tradicionais de controle. Para se ter uma ideia acerca dessas relações efêmeras, nas cidades, embora há maior contingente populacional, as pessoas, apesar de possuir relações estreitas, não se conhecem profundamente, como quando em vilarejos. Hoje as relações são baseadas em contatos impessoais, rápidos e parciais com outros fins diversos do benefício próprio, formando o “mundo de estranhos” marcado pela distância social (FREITAS, 2002).

Em relação a Teoria da Escola de Chicago, a escassez de estrutura e a fragilidade dos laços comunitários culminará na transformação de determinada área em criminogênica, mesmo com a alta mobilidade dos seus habitantes, fato este explicado por Shaw e Mckay através da Teoria da Delinquência por transmissão cultural, vejamos:

O ponto-chave era que certos tipos de crime se tornavam uma norma cultural dentro da zona de transição. Eles relacionaram a delinquência juvenil à teoria de desorganização social. Afirmavam que havia uma probabilidade maior da prática de crime numa comunidade com ausência de suporte comunitário, havendo probabilidade menor de sua ocorrência se os adolescentes tivessem apoio de seus pais, escola e/ou igreja. A alta mobilidade verificada na área central da cidade fazia com que os residentes tivessem uma tendência a não se interessarem pelo que ocorria à sua volta, já que não pretendiam ficar ali por muito tempo.

(...)

A Escola de Chicago, ao reconhecer a existência de um determinismo ambiental, admitiu que as infrações penais decorrem de uma imposição do ambiente físico e social. Nesta perspectiva, a diminuição da criminalidade depende da intervenção, a se dar por meio de políticas públicas preventivas. (FREITAS, 2002)

Do mesmo modo, as relações sociais nas cidades são relações frágeis e superficiais, posto que laços sanguíneos e fraternos foram substituídos por relações impessoais, anônimas e fugazes. Hodiernamente, vizinhos não mais se conhecem, colegas de trabalho ignoram ou desconhecem onde o outro mora, afinal para ser uma relação estável e duradoura é preciso vínculo, e vínculos fortes e duradouros exigem tempo e, como sabido, em uma sociedade capitalista tempo resume-se a dinheiro. As forças coercitivas tradicionais vão perdendo força e abrindo caminho

para o surgimento de outras instituições, especialmente entre os jovens, das classes menos favorecidas, chamada gangue. A gangue nada mais é do que uma instituição informal paralela e marginal que de forma sucinta possui o intuito de agregar um grupo, além de possuírem regras que devem ser seguidas por seus integrantes, onde estes estão reunidos para satisfações de interesses coletivos em comum (FREITAS, 2002).

Nesta mesmíssima alheta, dilucida Park que;

“... estas gangues têm exercido uma influência consideravelmente maior na formação do caráter dos rapazes que a compõem do que a igreja, a escola ou qualquer outra que agência da comunidade fora das famílias e lares nas quais os membros da gangue são criados. E é bem possível que a influência destes lares não tenha sido sempre e totalmente saudável”.

Isto é, as gangues nada mais são do que um produto de um ambiente degradado, em virtude da somatória de escassez de recursos e um controle social frágil, grupos estes formados em sua maioria por jovens, por serem a faixa etária mais vulnerável e mais atingida pela violência urbana. São jovens que dada sua realidade residem em locais em que as instituições são frágeis, bem como os referenciais básicos de vida em sociedade, tais como família, escola etc, estão comprometidos, e conseqüentemente, contribuem para a formação das gangues, já que buscam nestes grupos, preencher o desejo de pertencimento, dentro de uma sociedade que os excluem e, infelizmente, muitos destes grupos estarão mais vulneráveis e suscetíveis a uma realidade violência, criminalidade e exploração. É certo que nem todos os jovens residentes nesses ambientes degradados serão criminosos, mas os dados demonstram que são os jovens marcados pela exclusão, pobreza e desigualdade social os mais vulneráveis a adotarem condutas desviantes (CATÃO, PEREIRA, 2015).

Preleciona Robert Park que a delinquência está entrelaçada ao grupo em que pertencem, grupo este formado em sua maioria por jovens residentes em bairros assinalados por miséria e desorganização social. As gangues são organizações informais estruturadas por território, laços de lealdade e hierarquia, são jovens que se unem com base em sentimentos recíprocos e, embora haja vários motivos, é possível vislumbrar uma correlação em todos os grupos, qual seja, a busca por sua identidade. Essas organizações escancaram um enorme problemática

não apenas por favorecer a criminalidade, mas por escancarar uma realidade de exclusão e segregação, enquanto a sociedade os nega, estes grupos o aceitam, criam neles o sentimento de inserção a um grupo, dão-lhes oportunidades e objetivos, mesmo que seja para práticas de condutas criminosas. A prática de crimes pelas gangues, com base da teoria ecológica, é fruto do meio que estes jovens estão inseridos é o grito de sobrevivência e busca de identidade destes jovens residentes em vizinhanças socialmente desorganizadas (FREITAS, 2002).

2.7 A FORMAÇÃO DAS GANGUES COMO UMA RESPOSTA A SOCIEDADE QUE OS EXCLUEM, MAS GRUPOS QUE, NÃO APENAS, OS ACOLHEM, MAS COLABORAM NA FORMAÇÃO DA SUA IDENTIDADE

A nossa realidade e conhecimento deriva de uma construção social influenciada por um conjunto de fatores como históricos, valores, crenças e como no trabalho em comento, fatores culturais, sendo assim, por se tratarem de fatores metamórficos que variarão de acordo com o momento histórico e o local em que se manifestam, não restam dúvidas de que a nossa realidade está em constante transformação (COSTA, SCHENKER, NJAINE, SOUZA, 2017). Quanto a cultura, sua definição não é algo simplório, nem singular, haja vista que por evocar interesses multidisciplinares, esta será conceituada de acordo com os enfoques adotados por determinada disciplina (CANEDO, 2009).

Imperioso salutar que não há uma cultura, mas culturas que para melhor serem compreendidas requerem um entendimento amplo das riquezas e das diversas formas de existência, haja vista que cada realidade cultural adotará sua própria racionalidade, bem como sua forma de compreender a sociedade. Compreender a sociedade, respeitando as diferenças culturais, não se faz imprescindível apenas para afastar atos discriminatórios ou idealizações errôneas frente as manifestações de práticas culturais, mas, também, para entender sua importância dentro do processo civilizatório (OLIVEIRA; ALVES, 2015).

Em relação a cultura, esta nada mais é que uma atividade humana acumulada e abarca as relações entre o homem com a natureza para produzir sua existência (MALANCHEN; SANTOS, 2014). A cultura é o modo de fazer humano, é o que permite o ajustamento e a fixação das relações de comunicação do homem na satisfação de suas necessidades para o seu desenvolvimento, é, também, a expressão dos modelos de ser do homem enquanto realiza seus projetos de existência. Desta feita, a Cultura exprime os modos de relacionamento do homem com o real no espaço e no tempo. Nesta senda, natureza e cultura são complementares uma vez que uma atua no desenvolvimento da outra, afinal a representação humana se torna só cultural, mas tem uma base infracultural (natureza/instintos) (AMORIM, SALBEGO, 2019).

Dito isto, ao analisarmos a forma que a cultura de consumo influencia no aumento da taxa de homicídios de jovens faz-se imperiosos um estudo que não se restringe a uma mera operação de variáveis, mas, sim, um olhar e pensamento mais sistêmico, visando entender o mundo e seus fenômenos englobando toda a sua complexidade. O primeiro passo consiste em não se satisfazer com explicações simplistas, posto que não é possível existir apenas uma única realidade,

considerando que o modo de ver o mundo está totalmente interligada ao observador e será influenciada pela sua estrutura biológica, suas experiências pessoais e, precipuamente, culturais, as quais foram construídas ao longo da vida daquele que vê (COSTA, SCHENKER, NJAINE, SOUZA, 2017).

O homem desde os primórdios busca respostas para entender o seu Eu, isto é, a sua identidade. Uma das formas encontradas para subsidiar este processo de construção da identidade e a essência do ser foi através das práticas consumeristas, tão presente na rotina do homem moderno. Os indivíduos movidos pelo brocardo “Eu compro, logo sei que existo: as bases da metafísica do consumo moderno” passou a ocupar uma posição central nas vidas dos seres humanos, os quais encontraram no consumo a resposta para o propósito de sua existência. Desse modo, a sociedade contemporânea, encontrou como meio de caracterização e construção de identidade nas práticas de consumo, ou seja, o consumo passou a ser visto como um processo de identificação (AMORIM, SALBEGO, 2019).

O homem não consome mais, tão somente, por necessidade, mas para suprir desejos e preencher o vazio existencial, criando ou recriando identidades, as quais, em grande parte, estão relacionadas ao processo cultural de cada sujeito. Assim, o consumo passou a compor o ser humano enquanto tal, tornou-se elemento indispensável na construção de nossa identidade e fator preponderante para definir nossa relação com nossos pares (AMORIM, SALBEGO, 2019). Interessante ressaltar que, este processo de construção da identidade por meio das relações consumeristas sofreu influência do período pós-guerra, haja vista que houve transformações socioeconômicas, políticas e culturais que culminaram com uma fragmentação social e na exaltação das atividades de lazer e de consumo como forma de definição de identidade sociais, precipuamente, pelos jovens (ZALUAR, 2007).

Os jovens passaram a ver no comércio das drogas um meio fácil de obter dinheiro e satisfazer suas necessidades, posto que, conforme Amorim e Salbego (2019), os indivíduos atribuem valores aos produtos consumidos como forma de satisfazer o vazio existencial que os assolam, valores estes que muitas vezes são atribuídos ao desejo de querer mostrar a sociedade ou como querem ser visto por tal. O consumo moderno se resume em querer e desejar, o qual, pautado pelo sentimento individualista, diz respeito mais a saciar as vontades do sujeito do que suas necessidades. Este fenômeno de criar a vontade e desejo é fortemente

influenciada pela cultura e, conseqüentemente, pela vivência de cada um para determinar e basear sua essência.

Os grupos marcados pela desigualdade social, exclusão social e pobreza encontraram nas práticas consumeristas uma forma de construção da sua identidade, tais fatores somados a falta de assistência estatal e acesso a políticas públicas e ações sociais são fatores que potencializam e influenciam a esta classe marginalizada a buscar no mundo do crime uma forma de saciar seus desejos e vontades, como forma de suprir seu vazio existencial, por encontrarem inúmeros obstáculos no mercado cruel e competitivo legal. O mercado ilegal passou a ser visto por estes jovens como um forma de visto e meio rápido de obtenção de dinheiro para saciar os desejos consumeristas de objetos-símbolos de determinados grupos juvenis (SANTOS, OLIVEIRA, PAICA, e YAMAMOTO, 2012).

A revolução nos modelos de consumo modificou consideravelmente as formações subjetivas que foram tomadas por sentimentos individualistas e mercantis selvagens carecedores dos limites morais, favorecendo, por exemplo, o comércio de drogas pelos jovens que viram nesta atividade espúria meio imediato de ganhar dinheiro e tirar vantagens. (ZALUAR, 2007). O comércio de drogas tornou-se um ponto preocupante, quando os estudos estão voltados, precipuamente, aos jovens, haja vista que o tráfico de drogas foi um fator preponderante para o aumento no índice de homicídios de jovens, considerando que este setor que funciona às sombras da legalidade passou a recrutá-los (MEIRELLES, MINAYO, 2009).

As transformações ocasionadas na estrutura social contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da violência, dentre estas alterações podemos mencionar a reestruturação do campo do trabalho, a globalização que abriu margens a uma maior circulação de mercadorias, sejam estas legais ou ilegais juntamente a intensificação da cultura consumerista e o forte desejo de consumo, por exemplo, influenciam o envolvimento cada vez mais precoce de jovens nestas atividades ilegais, deste mundo obscuro do crime (RUOTTI et.al, 2014). Então é no mundo do crime que estes jovens estão sendo acolhidos, jovens que sempre viveram na invisibilidade, sequer notados pelo Estado, assim se antes eles não eram vistos pelo Estado, o poder, tão almejado, foi obtido no mundo do crime, recuperando assim a visibilidade, recompõem-se como sujeito, este se afirma e se reconstrói (MEIRELLES, MINAYO, 2009).

A violência é tida pelos jovens que ousam a se aventurar no mundo do crime como uma forma lúdica, pois em muitos casos a violência cometida pelos jovens são praticadas não apenas por elevá-los a um estado de excitação pelo aumento dos níveis de adrenalina, mas, também, pelos efeitos que a violência poderá ocasionar na sua vida, por exemplo, ser notado pela sociedade, considerando que os crimes são tratados como espetáculos pelo meio midiático e supre o sentimento mais almejado nesta hipermodernidade, qual seja, ser notado e fama, nem que seja de forma efêmera. Entrar no mundo do crime passou a ser a primeira opção adotada por muitos jovens como meio de obter dinheiro para atender aos seus anseios consumeristas, de forma mais fácil e rápida, ou seja, é a adoção de uma ideologia do lucro e do ganho imediato que poderá ser almejado em velocidade alarmante por estas vias espúrias (COSTA, 1999).

A juventude perdida vêm chamando atenção dos pesquisadores em diversas áreas, justamente por ser um problema de primeira importância que gerará futuramente um empecilho ao desenvolvimento social do país e tal problemática vêm alavancando em velocidade alarmante, principalmente, nos estados do norte, tendo como causa primária os crimes de homicídio (BRASIL, 2018). Preleciona com grande maestria, Meirelles e Minayo (2009) que a violência urbana, na qual os jovens são tidos como protagonistas, tem-se transformado em uma grave problemática a ser enfrentada pelo Estado, afinal, corrobora Rodriguez e Kovacs (2005), vivemos em uma sociedade que conquistou a tão sonhada longevidade devido ao avanço das técnicas médicas, desta feita, esta conquista faz com que as mortes de jovens sejam consideradas perdas injustificadas.

A violência vem ganhando destaque e sendo debatida como uma problemática a nível nacional, e, apesar de sempre fazer parte da história do homem, a forma como se manifesta, assume formas específicas que variam de acordo com o momento histórico e atingem, de forma preponderante, as camadas subalternas da população. Estudos afirmam que as décadas de 60 e 70, houve uma maior atenção a temática da violência urbana, tendo em vista que foram marcadas por assaltos brutais, crescimento no tráfico de drogas e de armamento, surgimento de grupos de extermínios, aumento alarmante nos índices de homicídios, especificamente, chacinas, e um fato paradoxal, diz respeito ao fato de que mesmo na década de 80, marcada pelo fim de um governo militar e a restauração da democracia, não foi suficiente para reduzir a violência (COSTA, 1999).

Zaluar (2007) enfatiza que mesmo após o processo de redemocratização do Brasil no ano de 1980 não houve uma redução nos índices de criminalidade, especificamente nos homicídios entre jovens. A transição dos ideais de cordialidade e da conciliação por mecanismo de vingança pessoal e impulsos agressivos, incentivados durante o Regime Militar, foram preponderantes para estas taxas tão alarmantes. Com vistas a explicar esta situação, a autora parte da análise de três dimensões, como por exemplo, a pobreza e exclusão social, a violação dos direitos cívicos da população minoritária e a ineficácia do sistema de justiça e a questão de poder, concepção da masculinidade em suas relações com a exibição de força e posse de armas de fogo.

Embora a violência não esteja entrelaçada apenas a classe social, é possível afirmar que as maiores vítimas dos crimes violentos sejam os pobres e excluídos, afinal os ricos podem contratar seguranças particulares e viver uma vida confortável, por outro lado o pobre não possui outros meios para se proteger, já que, em muitas situações, não poderá contar, nem com o Poder Público para se defender das variadas formas de violência que estão mais suscetíveis (COSTA, 1999). Nessa mesmíssima alheta, dilucida Meirelles e Minayo (2009) que a participação de jovens neste mercado varejista ilícito cresceu de forma acelerada, a ponto de não ser considerada mais atividade composta, tão somente, pelos moradores do gueto, tais como os pobres, negros e favelados, mas passou a incluir os jovens de classe média que passaram a se aventuraram neste mercado tão rentável.

Os jovens, especificamente àqueles que estão inseridos em uma realidade de anomia social, recursos materiais e simbólicos e com escasso ou ausente acesso as oportunidades socioeconômicas e culturais estarão inseridos em uma situação alarmante de vulnerabilidade, por serem presas mais fáceis para adoção de caminhos desviantes. Enquanto que o Estado e a sociedade os excluem, as gangues os acolhem, este fato escancara uma realidade cruel, a exclusão social. As violências são um dos maiores desafios contemporâneos e o cenário da violência no Brasil demonstra que a miscigenação do povo não é fator primordial para seu agravamento, mas sim a exclusão social, originadas através das lacunas deixadas pelas esferas tradicionais de sociabilidades e a violência nada mais é do que o produto de uma dura realidade (CATÃO, PEREIRA, 2015).

Freitas (2002) traz exemplos marcantes, pois há informações denotando que crianças são aliciadas pelas gangues e são expostas a uma realidade e evolução

dramática, são crianças que em um primeiro momento iniciaram com condutas simples e desobedientes, como gazetear aula, depois tornam-se menores infratores e, caso não tido uma intervenção, tornar-se-ão, na vida adulta, criminosos profissionais ou *gangsters*, noutros termos, a gangue simboliza o produto final, qual seja, adultos que desenvolveram uma carreira criminosa.

Há inúmeros motivos que visam justificar este fascínio que os jovens encontram neste mercado espúrio, indo deste um sentimento de aventura ao sentimento de poder que são transpassados, primordialmente, nestes jovens que já são marcados pela desigualdade social. Esta desigualdade social experimentada, em grande parte, que sempre foram assolados pela invisibilidade social contribuem para a captação e permanência destes jovens no mundo do crime, pois encontraram nesta atividade ilícita a sua identidade social, pois são jovens que sempre viveram no lado obscuro de uma segregação social e possuem o fascínio por status e por arma de fogo que lhes garante, não apenas, o reconhecimento, mas o poder na favela onde vivem (MEIRELLES, MINAYO, 2009).

Inclusive, ao afirmar que o modo de ser dos jovens seja fruto do meio social em que estão inseridos acaba ocasionando um preconceito em relação àqueles que residem da periferia urbana pobre da cidade, posto que passam a ser olhados como um segmento ameaçador e perigoso, a ponto do fato de ser jovem, pobre e residir em uma periferia empobrecida implicará em um olhar desvirtuado pelos grupos dominantes e culminará com multiplicidade de questões, as quais, podemos mencionar, a segregação social, a exclusão social e a representação deste. Desta forma, em decorrência destes pensamentos a sociedade acaba generalizando, quando na verdade, nem toda periferia é pobre e não é por estar no centro que é rico, mas o que será determinante será a distribuição socioespacial e riquezas (SALLES, SILVA E FONSECA, 2014).

Nesta toada, o jovem classe média baixa e morador de periferias empobrecidas são vistos com um olhar depreciativo pela sociedade, tanto em termos sociais como morais e inconscientemente difunde-se pela sociedade a ideia de que esta parcela da população são desordeiros perigosos, facilitando a imposição de políticas de segregação e confinamento desta população. Desta feita, viver em sociedade, por si só, ocasiona implicações sociais e pessoais, e a exclusão social contribui como um importante fator apto a justificar os modos pelos quais ocorrerá a

inserção social desta parte da população. Em relação a exclusão social, esta não se resume a um fenômeno puramente econômico, haja vista que engloba forma de dominação de poder e exclusões simbólicas, como estigmas e estereótipos e todos aqueles que não se adequam aos padrões tidos como ideias são considerados excluídos (SALLES, SILVA E FONSECA, 2014).

Um ponto curioso que denuncia este olhar depreciativo voltados aos jovens classes baixa e residentes nos pontos mais degradados da urbe, trata-se da obra de Jorge Amado “Capitães de Areia” (1937), como eram chamados os jovens tidos como perigosos que sobreviviam do mundo do crime, a qual denunciava as problemáticas relacionadas as desigualdades na sociedade, bem como todo o estereótipo depreciativo com que os jovens pobres são vistos dentro do seio social.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

(...)

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a

conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

(...)

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a

cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que

viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim

viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do

velho trapiche.

Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

A questão da exclusão social é deveras abrangente pois se traduz em um estado de carência, privação material, segregação, discriminação e precariedade que culmina com um processo de integração perversa, na qual estes jovens são diferenciados com base em segmentos populacionais. Ou seja, a população do gueto, ante as degradações das relações sociais e trabalhistas, estão mais suscetíveis ao processo de exclusão. A juventude está longe de se desenvolver de modo uniforme dentro de um espaço territorial, afinal esta etapa da vida é fortemente marcada pela cultura que é experimentada de forma distinta a depender dos estratos sociais que não é influenciado apenas pelas mudanças advindas da idade, mas precipuamente pelas condições específicas advindas dos estratos sociais que fazem parte e que são determinantes para estabelecer a forma como ocorrerá sua inserção social (SALLES, SILVA E FONSECA, 2014).

Esta parcela de jovens resididos nas regiões empobrecidas estão sendo mortos, mas não há por parte da população a atenção e cuidado devido e, muitas vezes, há uma falta de empatia tamanha que são responsabilizados pela própria situação e condição. São jovens que são “exterminados”, não apenas pela sua situação social, mas foi vislumbrado por estes estudos que há uma padronização na cor e localização, fatores estes que revelam uma das fases da dinâmica de desigualdades e injustiças sociais. O Brasil possui marcas de uma política de elitismo, autoritarismo e da exclusão que refletem, sobremaneira, na criminalização

da população “guetizadas” e no descaso pelo próprio Estado em promover a proteção e garantia dos seus direitos a esta parte tão vulnerável, majorando a desigualdade social, por criar verdadeiros abismos sociais (SANTOS, OLIVEIRA, PAICA E YAMAMOTO, 2012).

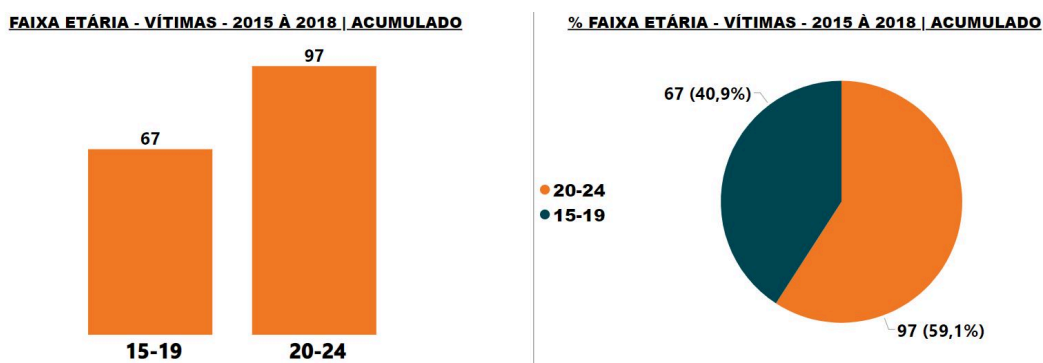
De forma imperceptível, construímos muros invisíveis, daqueles que lima não correm e os olhos são incapazes de ver, muros estes que causam rupturas grotescas dentro da sociedade segregando-a ao dividir as classes sociais e, conseqüentemente, separando os privilegiados do asfalto dos excluídos das zonas periféricas, muitos dos quais estão submetidos a situações de pobreza extrema e indignas, afinal, somos uma sociedade globalizada. A exclusão social está intimamente relacionada aos diversos tipos de violências, tendo em vista que os excluídos nas novas formas de sociabilidade tornam-se alvos diretos e imediatos da violência, afinal a violência constitui uma resposta as manifestações de exclusão social que foram agravadas em decorrência da globalização (PORTO, 2010).

É claro como a luz solar, que quando não há um crescimento planejado como fora nos Estados Unidos ocorrerá não somente uma explosão demográfica que se amplia em círculos, do centro para as regiões periféricas, mas, também, o aumento de problemas sociais, familiares, morais e culturais, servindo como combustível para a criminalidade. Desta feita, as questões criminológicas passaram a ser o objeto de estudo em decorrência desta expansão urbana e ocupação dos espaços urbanos. Os reflexos tanto da desorganização social, quanto da criminalidade influenciaram, inclusive, a formação da arquitetura urbana das metrópoles, posto que houve uma redução dos espaços públicos para o desenvolvimento dos empreendimentos privados.

No Brasil, os reflexos da desorganização social imperam fortemente nas regiões periféricas empobrecidas, especificamente no município de Boa Vista -RR, gerando aos moradores insegurança e colocando-os em situação de vulnerabilidade, agravadas por total ausência do Estado que não busca criar políticas públicas nem condições mais favoráveis. Além do mais, os dados obtidos denotam que estes bairros empobrecidos residem as classes sociais que mais entram em conflito com as leis, cujos crimes são motivos, preponderantemente, por fatores socioeconômicos, tendo os jovens como os maiores protagonistas (FURQUIM, 2018).

Conforme dados colhidos dos órgãos de Segurança Pública do Estado de Roraima, de 2015 a 2018, houve um aumento dos jovens vítimas de homicídios dolosos no município de Boa Vista – Roraima. Neste lapso temporal, houve a divisão em grupos de 15 – 19 anos e 20 -24. Em relação ao primeiro grupo, totaliza 67 (sessenta e sete) das mortes (correspondente a 40,9%), já em relação ao grupo de 20 – 24 anos, totaliza 97 (noventa e sete) das mortes, correspondendo a 59,1%. Tais dados, merecem total atenção, considerando que cada vez mais cedo, jovens estão sendo vitimizados e na grande maioria dos casos, há íntima relação com disputas de facção e tráfico de drogas, vejamos:

GRÁFICO 9 – FAIXA ETÁRIA DAS VÍTIMAS – 2015 A 2018⁶



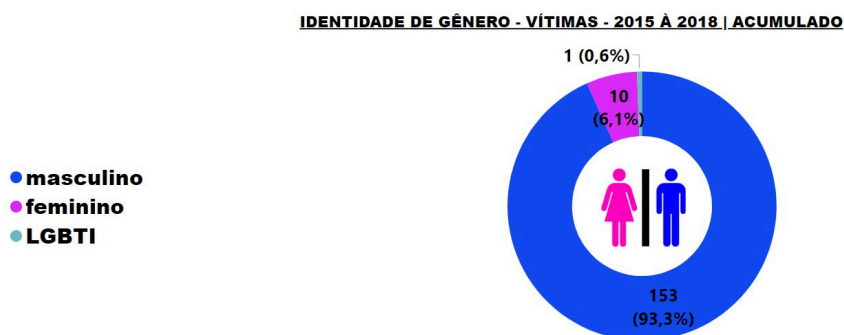
Desta feita, tal conjectura mencionada alhures, somadas as questões da pobreza, os dados expõe sobremaneira os jovens do sexo masculino, quando comparados com as mulheres. De um modo geral, nessas periferias pobres há uma nítida desassistência pelo Estado, culminando com o fenômeno da invisibilidade e impactando negativamente a vida destes jovens por ser um obstáculo ao acesso destes as políticas públicas e ações social e ao mesmo tempo favorece e incentiva sua entrada no mundo do crime, especificamente, o tráfico de drogas, já que este meio constitui em um passaporte à visibilidade e meio rápido de obter dinheiro e, conseqüentemente, o acesso ao consumo de objetos-símbolos de determinados grupos juvenis. Este mundo obscuro do crime, passam a ideia e a sensação, a estes jovens marcados pela invisibilidade, de pertencimento e participação a um grupo,

⁶ **GRÁFICO 9** – Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia Militar do Estado de Roraima.

pois da mesma forma que os jovens de classe média e alta possuem desejos, sonhos e vontades (SANTOS, OLIVEIRA, PAICA, e YAMAMOTO, 2012).

Em relação aos dados de que jovens classe baixa e do sexo masculino estão sendo os mais vitimizados, no município de Boa Vista, há uma disparidade significativa de jovens do sexo masculino, vítimas de homicídios dolosos, quando em comparado com as mulheres e LGBTI+. Enquanto que a somatória das mulheres e LGBTI+ não ultrapassam 10% (dez) por cento, os homens, em contrapartida, representam 153 mortes, equivalente a 93,3% (noventa e três, três) por cento dos casos.

GRÁFICO 10 – IDENTIDADE DE GÊNERO – VÍTIMAS – 2015 A 2018⁷



A delinquência juvenil nos grandes centros continuará a ser uma problemática de primeira monta, enquanto o Estado não promover mudanças significativas nas condições socioeconômicas das crianças e adolescentes marginalizados (FURQUIM, 2018). À vista disso, a falta de assistência do Estado ao oferecer a esta parte da população políticas públicas deficientes na seara da educação, da saúde e assistência social, bem como ao combate da própria violência tão acentuada nestas comunidades pobres sempre são colocadas em segundo plano. Desta forma, esta situação precária e de vulnerabilidade, na qual esta parcela da população não faz jus ao mínimo básico para viver com dignidade, oferece poucas chances ao desenvolvimento positivo desta e esta falta de acesso e desenvolvimento de perspectivas de melhores se reveste em uma problemática que interfere no desenvolvimento, nas descobertas, escolhas e na formação destes

⁷ **GRÁFICO 10** – Dados colhidos pela pesquisadora, os quais foram tratados e sistematizados junto ao Departamento de Planejamento Operacional – DPO. Seção de Estatística. Polícia Militar do Estado de Roraima.

jovens. E isto é importante ser questionado, afinal a grande parcela de jovens assassinados se enquadram no perfil da juventude que vem sendo vítimas de homicídios, quais sejam, jovens, marcados pela pobreza, com baixa escolaridade, homens, negros e pardos e esta constatação denota uma realidade cruel e denuncia as contradições existentes no seio social (SANTOS, OLIVEIRA, PAICA E YAMAMOTO, 2012).

As zonas marcadas pela desordem e exclusão contribuem para a formação de novos grupos sociais como as gangues, as quais podem se conceituar em um grupo, formado em sua maioria por jovens, unidos para a prática de atividades, que vão desde condutas com menor potencial ofensivo até crimes bárbaros e cruéis. A formação destes grupos escancara uma dura realidade, posto que são jovens que veem neste mundo uma forma de pertencimento e uma forma de construção da sua identidade, como resposta a uma sociedade que os excluem. Para a Teoria de Chicago as práticas de crimes por estes grupos nada mais são do que uma alternativa de sobrevivência em ambientes altamente desorganizados. Os jovens são mais atraídos para o mundo do crime, posto que a fase da juventude há uma busca maior para formar sua identidade, por exemplo e de outro ponto de vista suas condutas são apenas o reflexo dos inúmeros problemas que os atingem, em outras palavras da realidade em que são expostos (CATÃO, PEREIRA 2015).

É razoável buscarmos entender que jovens que cresceram em ambientes desorganizados e marcados pela anomia social optem por seguir o caminho da criminalidade, mas ao mesmo tempo não podemos generalizar ao ponto de afirmar que todos os jovens pobres e residentes em periferia serão criminosos, mas não resta dúvidas que o ambiente em que estão inseridos cria uma pressão e é capaz de influenciar uma criança a seguir uma vida pautada na criminalidade, como forma rápida e simples, de angariar dinheiros e conquistar bens (MOTA, LAVOR, ALVES, SOUZA, 2019).

Para os adeptos da Ecologia Criminal que visam analisar e entender a delinquência juvenil nos grandes centros, asseveram que tal fato apenas será possível caso haja mudanças significativas nas condições socioeconômicas das crianças e adolescentes (FURQUIM, 2018). Portanto, a construção de um Atlas da Violência, consoante o IPEA (2019), possui como objetivo mapear e identificar os motivos e os locais com maior concentração de mortes violentas intencionais, por serem um problema de primeira grandeza para a segurança pública, e, desta forma,

ao identificar as áreas territoriais com as taxas de homicídio, no caso no Município de Boa Vista – RR, será imprescindível para compor um retrato da violência, afinal ao identificar as áreas com maior concentração de crimes de homicídios, suas causas e consequências, servirá como substrato para a criação de políticas públicas visando reverter tal problema.

3 CONCLUSÃO

O Estado, possui um papel preponderante neste aumento da criminalidade, já que ausente enquanto ente integrador, e presente enquanto ente opressor, não contribui para a mudança desse cenário, por não criar políticas públicas que abarquem toda a população de forma igualitária, acabando por diferenci-los de acordo com os estratos sociais. Esta exclusão social e desigualdade, tão marcante, nas áreas urbanas, onde uns tem muito e outros pouco, contribuiu para que esta camada mais marginalizada do gueto encontrassem na criminalidade não apenas uma forma de aventura, mas sobrevivência. O crime para muitos, ante aos obstáculos existentes no mercado legal, tornou-se a primeira opção, especificamente, por ser uma forma mais rápida de obter dinheiro e suprir seus desejos consumeristas.

A violência é um assunto extremamente curioso dada a sua complexidade, pois além de não se ramificar de forma uniforme no âmbito social, esta possui inúmeros fatores criminológicos, como a pobreza. A pobreza, apesar de não ser o único fator, não restam dúvidas que esta é responsável por grande parte destas mazelas, potencializadas pela invisibilidade social, exclusão e desigualdades sociais. Estes jovens, por sempre viverem neste lado obscuro, são mais propícios a não apenas entrar no mundo do crime, mas permanecer, haja vista que esta atividade ilícita constitui meio importante para subsidiar seu processo de identidade social. O mundo do crime, especificamente do tráfico de drogas, tornou-se sinônimo de visibilidade, obtenção de dinheiro e, conseqüentemente, acesso ao consumo de objetos-símbolos de determinados grupos juvenis, suprimindo o vazio existencial.

Diante do exposto, compreende-se os jovens em situação de vulnerabilidade social são, em sua maioria, persuadidos por motivos de ordem financeira a adentrarem a cultura do crime, não só para se afirmarem e adquirirem poder aquisitivo, mas também pela adrenalina proporcionada pela ilegalidade. Esses jovens são predominantemente excluídos do subsistema econômico, logo, são miseráveis financeiramente ou sub integrados em sua sociedade, além de não serem amparados pela máquina estatal que deveria proporcionar a integração social

necessária, que satisfaz as necessidades básicas do indivíduo, por vezes arbitrária e extremamente violenta, quando se trata do combate ao crime no contexto de pobreza, como se já não fossem punidos o bastante por suas próprias privações.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, P. A perspectiva teórica da segurança pública no Brasil. 2011. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2_011PODER_VIOLENCIA_E_POLITICAS_PUBLICASA_PERSPECTIVA_TEORICA_DA_SEGURANCA_PUBLICA_NO_BRASIL>. Acesso em: 05.09.2019.

BATISTA, E. Direito fundamental à segurança na Constituição de 1988. 2017. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/59508/direito-fundamental-a-seguranca-na-constituicao-de-1988>>. Acesso em: 04/09/2019.

BRASIL. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil ultrapassa pela primeira vez a marca de 30 homicídios por 100 mil habitantes. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33411&Itemid=6>. Acesso em: 05/09/2019.

BRASIL. ATLAS DA VIOLÊNCIA. 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8891-1250-170602atlasdaviolencia2017>>. Acesso em: 05/09/2019.

BRASIL. ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/7047-190802atlasdaviolencia2019municipios>>. Acesso em: 05/09/2019.

BRASIL. FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/09/FBSP_ABSP_edicao_especial_estados_faccoes_2018>. Acesso em: 04/09/2019.

CANEDO, D. “Cultura é o que?”- Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V ENECULT. 2009. Disponível em: . Acesso em: 03/09/2020.

CASTRO, G. O surgimento das cidades. 2018. Revista Intedisciplinar de estudos contemporâneos da faculdade de Nova Serrana – FANS, vol. 01, mar/mai, ed. VII. Disponível em: <<https://www.fans.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/RIEC-VII-EDI%C3%87%C3%83O-DIREITO-1.pdf#page=177>>. Acesso em: 12/04/2022.

CATÃO, M, PEREIRA, M. Juventude e criminalidade sob a perspectiva da Escola de Chicago. Revista da Faculdade de Direito – RFD -UERJ, Rio de Janeiro, n. 28, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rfduerj/article/view/10401/14647>>. Acesso em: 15/07/2022.

CAVALCANTI, Z; SILVA, M. A importância da Revolução Industrial no mundo da tecnologia. Anais Eletrônicos, VVIII EEPCCCC- Encontro Internacional de Produção Científica. 2011. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias_vieira_cavalcante2.pdf>. Acesso em: 04/09/2019.

CONCONE, M. A Noção de Cultura. v.14, n.3 (2011). Disponível em: . Acesso em: 04/09/2020. COSTA, D; SCHENKER, M; NJANE, K; SOUZA, E. Homicídios de jovens: os impactos da perda em famílias da vítima. 2017. Disponível em: . Acesso em: 02/03/2020.

COSTA, Márcia Regina da. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 13, n. 4, p. 3-12, Dec. 1999 . Available from . Acesso em: 06/09/2020.

FREITAS, Wagner. Espaço Urbano e Criminalidade: Lições da Escola de Chicago. São Paulo: IBCCRIM, 2002.

FREITAS, M. O direito humano à segurança Pública e a responsabilidade do Estado. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=0731460a8a5ce162>>. Acesso em: 04/09/2019.

FURQUIM, S. A Escola de Chicago e o pensamento criminológico como um fenômeno social: os contributos das ideias de bem-estar social nas políticas criminais. 2018. Revista Liberdades, ed.25, jan/jun. Disponível: <http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=312>. Acesso em: 05/09/2019.

GONZAGA, Christiano Manual de criminologia / Christiano Gonzaga. – 2. ed. – São Paulo : Saraiva Educação, 2020. 344 p.

GULLO, A. Violência urbana um problema social. Rev. Sociol. USP, São Paulo. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20701998000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05/09/2019.

IZUMINO, W; NEME, C. Violência urbana e graves violações de direitos humanos. 2002. Disponível em: <<http://nevusp.org/wp-content/uploads/2014/08/down072.pdf>>. Acesso em: 04/09/2019.

MALANCHEN, J; SANTOS, S. Cultura, alienação e revolução na Teoria Marxista. v. 14, n. 59: out.2014 (n.esp). Disponível em: . Acesso em: 02/09/2020.

MARAFON, G. O espaço urbano: a abordagem da Escola de Chicago e da Escola Marxista. 1996. Ciência e Natura, Santa Maria, 18:149-181. Disponível em: . Acesso em: 05/09/2020.

MEIRELLES, Zilah Vieira; MINAYO GOMEZ, Carlos. Rompendo com a criminalidade: saída de jovens do tráfico de drogas em favelas na cidade do Rio de Janeiro. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 14, n. 5, p. 1797-1805, dez. 2009 . Disponível em . acessos em: 03/09/2020

MELHEM, P. Cidade grande, mundo de estranhos: Escola de Chicago e “comunidades guarda-roupa”. 2012. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=e520f70ac3930490>>. Acesso em: 05/09/2019.

NUCCI, Guilherme de Souza. Criminologia / Guilherme de Souza Nucci. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2021.

OLIVEIRA, E; ALVES, A. Uma análise literária sobre o conceito de cultura. 2015. Disponível em: . Acesso em: 02/09/2020.

PARK, R, BURGESS, E. The City. The University of Chicago, 1925.

PORTO, M. Sociologia da violência do conceito às Representações Sociais. Brasília: Verbana Editora, 2010.

Rodriguez, C. F., & Kovács, M. J. (2006). O que os jovens têm a dizer sobre as altas taxas de mortalidade na adolescência? Revista Imaginário USP, (11), 111-136.
RUOTTI, Caren et al . A vulnerabilidade dos jovens à morte violenta: um estudo de

caso no contexto dos “Crimes de Maio”. Saude soc., São Paulo , v. 23, n. 3, p. 733-748, Sept. 2014 . Available from . Acesso em: 07/09/2020.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e; FONSECA, Débora Cristina. Violência e inserção social do jovem de periferia urbana. Psicol. teor. prat., São Paulo , v. 16, n. 3, p. 58-68, dez. 2014 . Disponível em . Acesso em: 10/09/2020.

SANTOS, A. DO SURGIMENTO DA CIDADE AO PROCESSO DE DECONURBAÇÃO: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404388439_ARQUIVO_Dosurgimentodacidade.pdf>. Acesso em: 10/09/2019.

SANTOS, L; OLIVEIRA, A; PAIVA, I; YAMAMOTO, O. Juventude e violência: trajetória de vida e políticas públicas. Estudos & Pesquisas em Psicologia. v. 12, n. 2 (2012). Disponível em: . Acesso em: 13/09/2020.

SONADA, K; ASSIS, S e SCHENKER, M. Estratégias de enfrentamento da violência urbana por ativistas sociais do Rio de Janeiro. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n3/v22n3a13.pdf>>. Acesso em: 03/09/2019.

TEODOSIO, A. Escola de Chicago: heranças para o pensamento social contemporâneo sobre as cidades. 2013. XI Congresso Brasileiro de Sociologia. UNICAMP, Campinas- São Paulo. Disponível em: . Acesso em: 07/09/2020.

VIANA, E. Criminologia. 2015. Disponível em:<<https://www.editorajuspodivm.com.br/cdn/arquivos/1726-leia-algumas-paginas.pdf>>. Acesso em: 09/09/2019.

EUFRASIO, M. Estrutura urbana e ecologia humana: A escola sociológica de Chicago (1915 -1940). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, 2° ed.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. Guanabara, RJ, 1986. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5123118/mod_resource/content/1/Leo

%20Huberman%20-%20Historia%20da%20Riqueza%20Do%20Homem.pdf.
Acesso em: 20/05/2022.

ZALUAR, Alba. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. Estud. av., São Paulo , v. 21, n. 61, p. 31-49, Dec. 2007 . Available from . Acesso em: 05/09/2020.